

AIO

ano IV . # 18

FERNANDO CARPANEDA

CHICO CASTRO

FRANCIS BACON

LARRY BULLER

D+Z

MUSEUS FÁLICOS



FALO® é uma publicação bimestral.
julho 2021.
ISSN 2675-018X
versão 20.07.21

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Homofobia mata: caso número 17*, acrílica sobre
tela de Fernando Carpaneda, 2020.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.



SHOP ONLINE
REDBUBBLE U\$ 
COLLAB55 R\$ 



Sumário

Fernando Carpaneda 6

Chico Castro 20

FALO DE HISTÓRIA
Francis Bacon 38

FALO EM FOCO 55

FALO DO OUTRO
Larry Buller por Marcos Rossetton 56

FALOGÉRIOS
D+Z 64

FALORRAGIA
Museus fálcos 78

FALÓFORO 90

BIBLIÓFALO
Manhood 92

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 94

FALO com VOCÊ 96

moNUmento 99

As musas (*mousai*, em grego) clássicas são

conhecidas como as deusas da inspiração da arte e da ciência. Entre as nove olímpicas estavam: **Calíope**, “a bela voz”, a mais sábia, musa da poesia épica e da elocução que inspirou Homero e Virgílio; **Clio**, “a que anuncia”, musa da história e da criatividade; e **Erato**, “a que desperta a paixão”, musa da poesia romântica e erótica. Afirmavam os poetas que tudo que produziam era apenas repetição do que as musas lhes haviam sussurrado e davam a elas todo o crédito. Eles invocavam sua musa e esperavam que ela viessem atendê-los na sua inspiração, muitas vezes, na forma de pássaros. Foi com as musas (ou seriam musos?) no meu ouvido que essa edição chega com duas novidades.

A primeira também vem dessa mitologia que tanto inspira a cultura ocidental. Egéria foi uma ninfa conselheira que acabou equiparada às musas pelos romanos por ter dado orientações na criação do primeiro conjunto de leis e rituais de Roma. Assim, convidei um casal de modelos que serve de inspiração para vários artistas na nova seção **Falogérios** (*falo+egéria*). É um novo ponto de vista: ao invés do artista, o(s) modelo(s).

A segunda novidade vem nessa pegada de mudar o ponto de vista. O costume é ver o artista na Faló a partir de uma análise curatorial minha, Filipe, o criador, editor, faz-tudo. Até que um amigo (o artista e colaborador Marcos Rossetton) me sugeriu que eu convidasse outras pessoas para falarem do trabalho de outros artistas... Um **Falo do Outro**. E, assim, nasceu mais uma seção por aqui, onde vou convidar curadores e artistas para trazerem suas



Apolo, Mnemósine e as nove musas, óleo de Anton Raphael Mengs, 1761.

visões sobre a produção artística. Nesta edição convidei o próprio Rossetton, que optou por uma linguagem para além das clássicas (pintura, escultura, fotografia etc) e falou sobre um ceramista que joga com o sagrado e o profano.

Pra você ver... eu sempre falo que vou diminuir o ritmo, mas não consigo: estou sempre inventando! Sem tirar, é claro, a essência desse projeto, que ainda conta: com o trabalho impressionante de Fernando Carpaneda, que tira a pintura e a escultura do lugar comum; com a fotografia generosa e bela do querido Chico Castro; com Francis Bacon, que choca tanto na suas obras quanto na sua história de vida; com uma resenha do livro *Manhood*, que é leitura obrigatória; com um questionamento importante do nosso Rígle sobre masculino e feminino; com charges de Adão e Marlon Thor; com mais um falóforo incrível e um moNUmento de respeito.

E pra fechar, ainda embalado pelas musas, minha coluna Falorragia apresenta curiosos museus pelo mundo: de sexo, de prostituição, de LGBTQ+ e, especialmente, um só de falos!

Bom, no mínimo, vamos nos divertir e aprender com a leitura!

Filipe Chagas, editor

Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.



Fernando Carpaneda

por Filipe Chagas

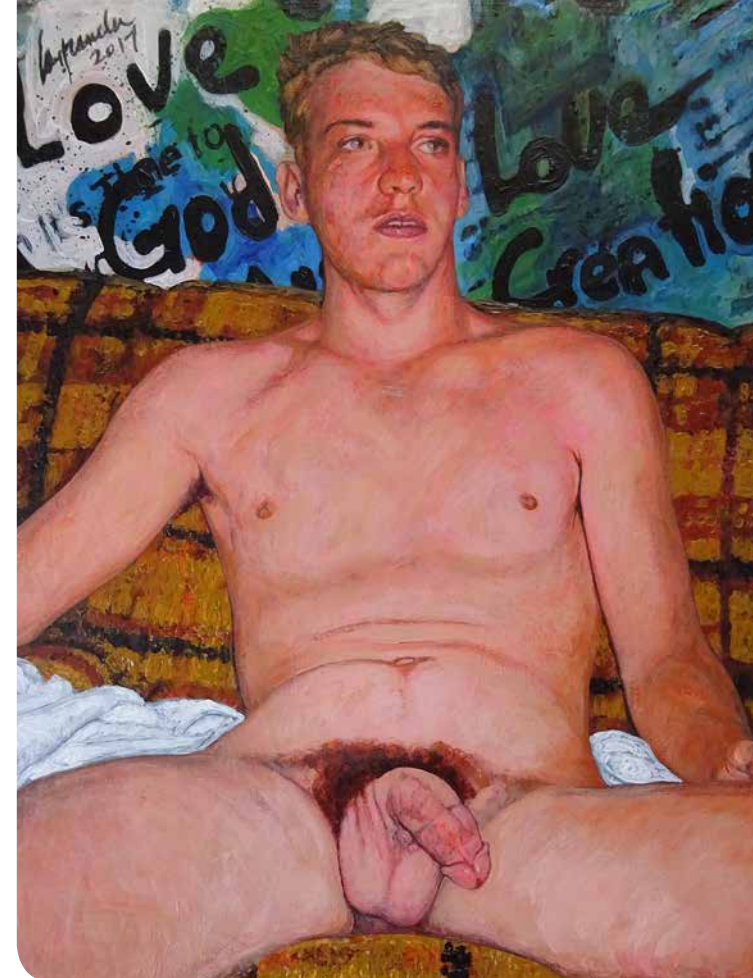
Muitos buscam certezas por toda a vida e nem chegam perto. Entretanto, Fernando Carpaneda desde muito cedo tomou controle de suas decisões: aprendeu a escrever e a falar inglês de forma autodidata, teve seu primeiro namorado aos 11 anos e montou sua primeira exposição de arte aos 13 em Taguatinga, Brasília. Nessa trajetória precoce, tornou-se fascinado pelo corpo masculino, o que influenciou diretamente suas criações.

Luke, acrílica sobre tela, 2017.

Começou a pintar retratos nus de seus amantes, no início da década de 1980, quando era tão difícil expor obras homoeróticas em galerias de arte brasileiras que chegou a ser espancado e esfaqueado. Optou, então, por mostrar suas peças em bares gays, que também eram totalmente marginalizados na época, tornando-se um dos pioneiros na temática homoerótica.

Ao lado: *Troy*, 2021.
Abaixo, as miniaturas: *Primos* (2021),
Chupando pau (2020), *GOZO* (2021)
e *Jogo anal* (2020).

Todos em acrílica sobre tela.



Mendigos, prostitutas, drogados, punks e a cena underground - da qual fez parte como músico - se tornaram objeto não só de sua pintura, mas também das assemblages que produziu por quase 15 anos antes de começar a esculpir:

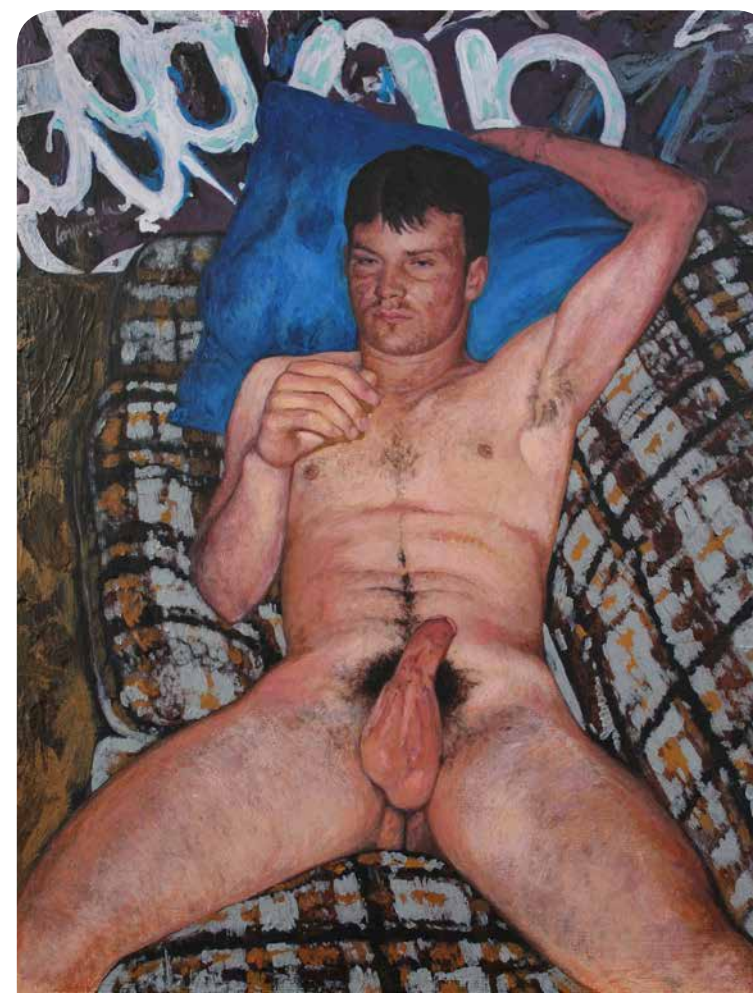
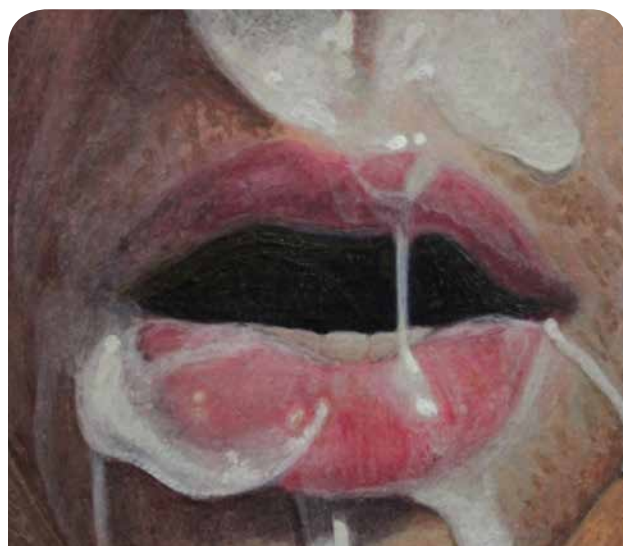
Foi uma espécie de processo natural. Meus desenhos levaram à pinturas e esculturas que são trabalhos experimentais sobre materiais e sentimentos.

Geralmente, Carpaneda trabalha em múltiplas plataformas ao mesmo tempo, utilizando fotografia ou modelo vivo em seus processos criativos hiperrealistas. Leva a atitude e o erotismo da arte de Tom of Finland para seus trabalhos, uma vez que o considera “o artista queer número um”.

O artista acredita que essa diversidade técnica o permite explorar novas possibilidades de enxergar o corpo masculino de forma positiva e saudável:

Acho importante pintar e esculpir o pênis, o escroto e o púbis. Acho que o corpo masculino deve estar sempre em evidência, e ser mostrado na televisão, e em outdoors na rua. Deus criou o pênis, o escroto e o púbis. Até Jesus tinha um! Então, não há nada de errado nisso.

Ame Deus, Ame Criação (2017) e *Tony* (2021), ambos em acrílica sobre tela.





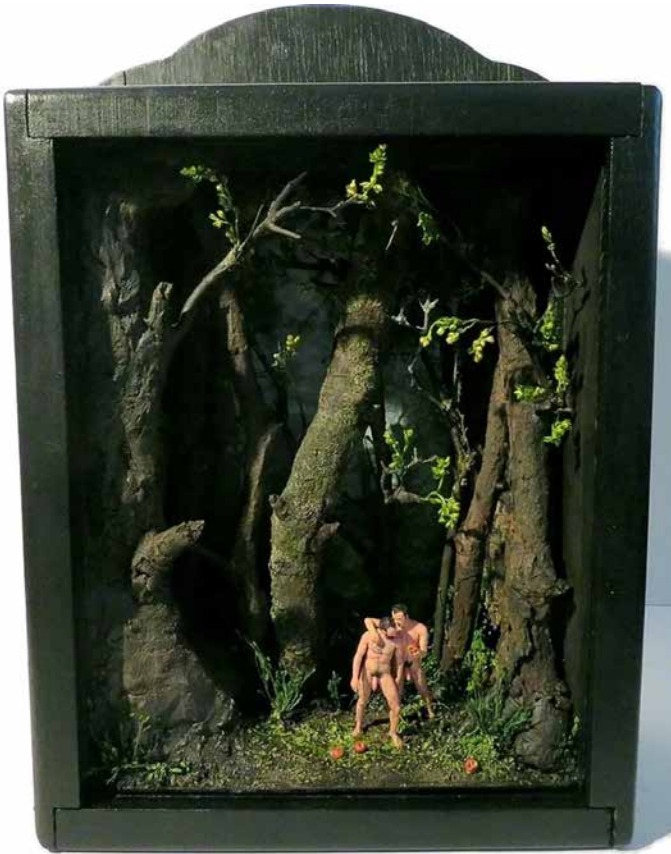
Garoto-Porco, acrílica sobre tela, 2020.



Série *Just Penis*: 24 dos 50 desenhos em grafite e nanquim com cabelos pubianos de modelos masculinos, entre executivos, mendigos e skinheads, que responderam a anúncios online convidando a ter seu falo desenhado.

Carpaneda sempre desejou criar um trabalho com forte apelo pessoal, como um diário público, onde pudesse registrar seus ideais e suas experiências amorosas, retratando o corpo masculino de uma forma única. Assim, suas esculturas são uma espécie de relicário, onde é possível identificar várias referências aos modelos (frases, poesia, cabelo humano, bitucas de cigarro, preservativos, latas de cerveja, cuecas, sêmen etc.) para criar obras que tivessem tanto um significado para ele quanto uma ligação com o retratado e, conseqüentemente, ecoassem suas memórias.

Adão e Ivo, diorama em argila, técnica mista, cabelo humano e tinta acrílica, 2019.



Fruto proibido, diorama em argila, técnica mista, cabelo humano e tinta acrílica, 2020.





Punk Rodin,
reinterpretação da
escultura “A Idade do
Bronze”, de Rodin, feita em
argila com técnica mista,
sangue do artista, cabelo do
artista e tinta acrílica, 2015.



O renascimento do punk,
reinterpretação da escultura
“Escravo morrendo”, de
Michelangelo, feita em argila
com técnica mista, sangue
do artista, cabelo do artista
e tinta acrílica, 2015.



Baco anarquista,
reinterpretação da escultura
“Baco”, de Michelangelo,
feita em argila com técnica
mista, sangue do artista,
cabelo do artista, pelo de
coelho e tinta acrílica, 2017.

Hoje já vê maior aceitação da figura masculina em galerias e museus fora do Brasil (está radicado nos EUA desde 1995), mas, ainda assim, sabe que depende muito de quem são os curadores e os responsáveis pelas instituições. Suas obras estão incluídas em várias coleções de arte, galerias e museus, tendo exposto em bienais em exposições por todo o mundo.*

Gosto de fazer obras que não se enquadram no circuito da arte contemporânea, ir contra o padrão imposto pelas instituições de arte.

Além de continuar produzindo para futuras exposições, seu desejo é que seus trabalhos alcancem um público que aprecia Arte, independentemente da orientação sexual (“minhas obras falam de liberdade, de ser o que você é, sem medo de assumir seus ideais”). Como conselho, Carpaneda diz que são necessárias boas propostas em trabalhos de qualidade para que seja possível expandir a concepção da arte LGBT+ contemporânea. **8=D**



* Possui obras no Leslie Lohman Museum, principal referência de arte queer no mundo, desde 2005 e teve obras expostas na histórica *Back to Bowery*, mostra que reuniu remanescentes da Factory de Andy Warhol com novos artistas que retratavam a cena underground de Nova York na galeria CBGB (Country, Bluegrass, and Blues and Other Music For Uplifting Gormandizer). Em 2012, seu trabalho foi visto nos telões da Times Square por mais de meio milhão de espectadores e, em 2020, foi o único brasileiro na Bienal de Long Island.



Igualdade de liberdade, escultura em argila com técnica mista, sangue do artista, cabelo do artista e tinta acrílica, 2017.



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com



Chico Castro

por Filipe Chagas

Registro da peça *Anatomia do Fauno*, do Teatro da Pombagira.

Por mais que sempre tenha apreciado arte erótica, Chico Castro não imaginava que isso se tornaria a referência de seu trabalho. Inúmeras coincidências o levaram de Crato, uma cidade no interior do Ceará, para Portugal, em 2001, onde se apaixonou pela fotografia e estudou em duas renomadas escolas de Lisboa.

Como não gostava muito do resultado de suas fotos com pessoas vestidas, decidiu que seu projeto final de curso seria feito a partir de autorretratos nus (“oficialmente meu primeiro projeto de nu artístico”). O trabalho foi tão bem recebido que Chico foi selecionado pelos professores para a importante Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira. De volta oito anos depois ao Brasil, se estabeleceu em São Paulo, participando de exposições coletivas com conhecidos fotógrafos, como Sebastião Salgado e Araquém de Alcântara. Em 2015, se entendeu como um fotógrafo especializado em nu, sendo convidado para registrar peças do Teatro da Pombagira.

Não sei dizer ao certo quando começou minha paixão pelo nu. Me vem à mente um projeto que fiz em 2013 para retratar membros da minha própria família, da qual eu não era tão próximo como gostaria. Usei a fotografia como desculpa para uma reaproximação, um resgate. Quando me dei conta, minhas tias, algumas com mais de 60 anos, estavam posando seminuas para mim. A partir daí, senti cada vez mais vontade de pedir aos meus retratados que fossem além da roupa, entrando nesse terreno desconhecido mas familiar, movediço mas aconchegante. Hoje ao ver modelos vestidos, sinto estar olhando para uma paisagem verdejante encoberta por carros e prédios que atrapalham a visão do que está por trás.



Ensaio *Árvore da Vida*.



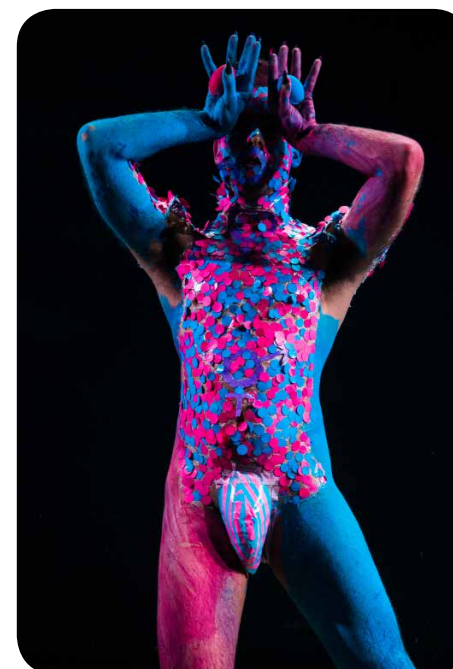
Ensaio *Coletivos*, com Sidney Teodoro em destaque.



Ensaio *Voal*, com Ricardo Sil.



Registro da peça *Demônios*, do Teatro da Pombagira.

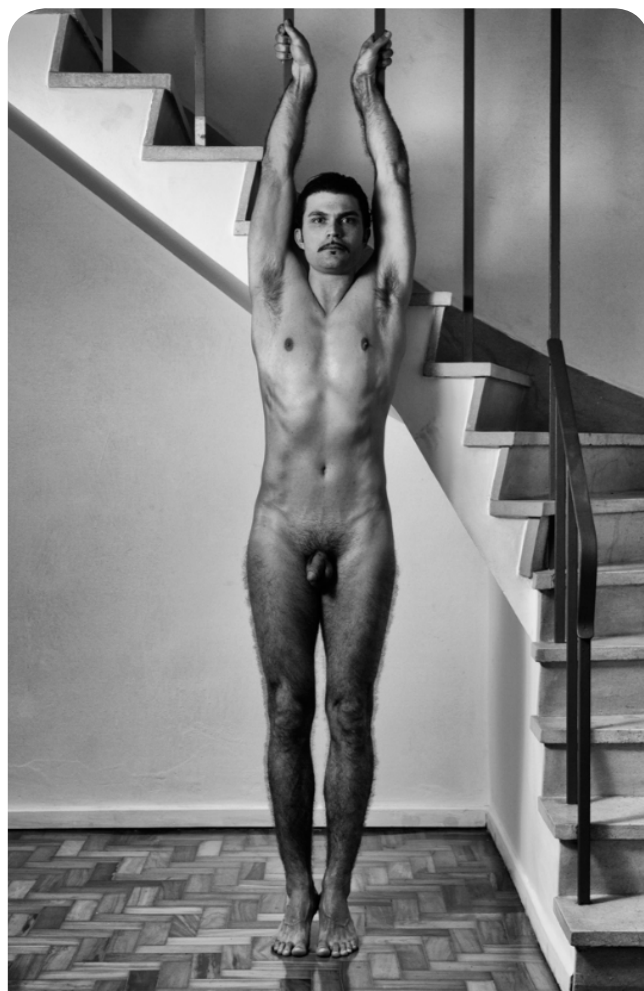


O fotógrafo diz que suas ideias aparecem como insights quando está observando o trabalho de outros artistas que o inspiram, como Francesca Woodman, Robert Mapplethorpe, Diane Arbus, Cindy Sherman, Helmut Newton, Irwing Penn, Richard Avedon, entre outros. Em seguida, ou convida alguém para materializar a ideia ou tenta encaixá-la em um ensaio contratado. Ao olhar seu trabalho finalizado, constata o processo, o que viveu e aprendeu ao realizá-lo.

Difícilmente minha ideia original sai na foto. A graça está em misturar meus sentimentos, minhas inspirações, aquilo que os modelos trazem dentro de si e os imprevistos.



Ensaio com Cadu Torres e Tinho Sherman.





Todos os corpos são bem-vindos em sua fotografia, principalmente aqueles que não estão felizes com o que vêem no espelho (“ainda vejo problemas na aceitação do corpo fora do padrão”). Inclusive, gosta de conversar bastante com os modelos antes dos ensaios com o objetivo de ver não só um corpo, mas também um ser humano que sente, que goza e que sofre.

Quero olhar e ver além. Esse é meu foco: libertar, ser liberto e fazer Arte.



Na página anterior, ensaio com Wesley Limaz.
Nesta página, ensaio com Paulo Pinheiro.



Ensaio A coroa de Petros,
com Petros Santos.





No entanto, sabe que seu portfólio tem, em sua maioria, homens cis gays. Independente de sua preferência pessoal, o fotógrafo percebe que esses modelos possuem maior liberdade em fazer poses, incorporar personagens, dançar e ficar nu sem amarras e sem preconceitos. A desvantagem disso é a eterna confusão do seu trabalho com disponibilidade sexual (“já aconteceu, mas é bom evitar o arrependimento posterior”).

A presença do pênis, seja flácido ou ereto, em seu trabalho vai depender da ideia e da fonte de inspiração:

O pau duro brilha, reflete, até baba em algumas ocasiões. Remete a uma virilidade, uma prontidão. Faz o espectador pensar em como o modelo ficou daquele jeito, o que automaticamente pode gerar um gatilho sexual. A foto de um pau duro é quase como a foto de um prato de comida bem resolvido, daqueles que você olha e sente fome. Já o pau mole é como se fosse a foto da comida antes de ir ao forno, onde o espectador olha e talvez não sinta tanta fome, mas, ainda assim, vai imaginar aquele prato pronto.

Ensaio com Samuel Kavalerski.



Seja pelos padrões corporais ou por essa sexualização, Chico crê na importância de normalizar a nudez. Costuma afirmar que só há dois caminhos para os espectadores que se relacionam com a sua produção: Amor ou Dor. Todavia, além de satisfação pessoal, busca alegria e reflexão para os que observam seu trabalho.

Hoje, quando não está desenhando, estudando sobre espiritualidade, teorias da conspiração, ufologia e física quântica – ou criando polêmicas no Instagram –, permanece desenvolvendo trabalhos autorais com nu artístico. De certa forma, traz à tona a criança que, lá no interior do Nordeste brasileiro, já fazia arte sem saber que era arte. **8=D**



Ensaio Carne, com Rony
Hernandes, Hugo Godinho,
Marco André Lucca e Rod.

Francis Bacon

1909-1992



Os laços familiares sempre foram objeto de estudo da psicanálise e, no caso do pintor anglo-irlandês **Francis Bacon** (1909-1992), eles dariam um doutorado. Parente homônimo do filósofo e estadista inglês que viveu entre os séculos 16 e 17, o artista teve uma infância complicada.

Bacon nasceu em Dublin, Irlanda, filho de um veterano australiano da Segunda Guerra dos Bôeres, na África, que se tornou treinador de corrida de cavalos e uma independente herdeira inglesa de um negócio de aço e de uma mina de carvão. Extremamente alérgico e asmático, foi praticamente criado pela enfermeira da família, Jessie Lightfoot, e muitas vezes precisou tomar morfina para aliviar seus sofrimentos durante os episódios. Tornou-se uma criança tímida e introspectiva. A família se mudou muitas vezes entre a Irlanda e a Inglaterra, levando a um sentimento de indiferença e desapego, que muitos acreditam ter seguido o artista durante sua vida e obra.

Após a Primeira Guerra Mundial, Bacon foi enviado para viver um tempo com sua avó materna na Irlanda, onde adquiriu o gosto por se vestir bem e trejeitos afeminados, o que enfurecia seu pai – inclusive com punições de chicote – e acabou causando não só um distanciamento entre ambos, mas também um comportamento de oposição à masculinidade que se converteu em uma eterna busca pela figura paterna. De 1924 a 1926, Bacon teve sua única experiência formal de pintura na Dean Close School, na Inglaterra. De volta à casa de sua família na Irlanda, dois episódios fizeram seu pai o expulsar de casa aos 17 anos: em uma festa à fantasia, Bacon se fantasiou de melindrosa, mas passou como rebeldia de adolescente; porém, pouco tempo depois, seu pai o viu se admirando em frente o espelho usando a lingerie de sua mãe.

Bacon passou o outono e o inverno de 1926 em Londres, vivendo uma vida simples com a ajuda de £3 por semana que sua mãe enviava. Para incrementar suas economias, chegou a trabalhar como empregado doméstico, mas, apesar de gostar de cozinhar, ele rapidamente se entediava. Foi também demitido de um emprego de assistente telefonista de uma loja de roupas femininas depois de enviar uma carta anônima agressiva para o dono do estabelecimento. Nas ruas londrinas, o rapaz foi desenvolvendo um bom gosto gastronômico para tirar vantagem de homens ricos. Um desses homens era Harcourt-Smith, um ex-militar do exército amigo de seu pai, também criador de cavalos de corrida.



Retrato de Francis Bacon por John Deakin, c. 1960.

Na primavera de 1927, Bacon foi levado por Harcourt-Smith para um hotel em Berlim, onde o rapaz assistiu o filme *Metropolis* de Fritz Lang e o filme russo *O Encouraçado Potemkin* e se sentiu arrebatado pela estética expressionista cinematográfica. Depois de um mês, Harcourt-Smith o abandonou por uma mulher e ele decidiu ir para Paris após juntar algum dinheiro. Em uma vernissage, conheceu a pianista Yvonne Bocquentin, que lhe ofereceu um lar no norte da França por três meses para que ele estudasse o idioma local.

No Museu Condé, perto de onde estava hospedado, Bacon se deparou com *O Massacre dos Inocentes*, de Nicolas Poussin, uma obra que, com sua intensidade dramática (“provavelmente a melhor pintura de choro”), se tornou uma influência direta em sua produção e despertou seu interesse artístico. Começou a ir para Paris cinco ou mais vezes por semana para visitar exposições e ir ao cinema. Numa dessas idas, viu uma grande exposição de Picasso na Galerie Rosenberg e surgiu seu desejo pela expressão pictórica:

Quando eu vi aquelas figuras senti uma espécie de choque. Picasso é a razão pela qual eu pinto. Ele é a figura paterna que me deu o desejo de pintar.

De volta a Londres, e afastado do serviço militar por conta de sua asma, o artista se estabeleceu como designer de móveis e tapeçarias influenciadas pela Bauhaus e pela Art Déco. Sob a orientação de seu amante na época, o pintor australiano Roy De Maistre, Bacon começou a desenvolver seu trabalho artístico. Colocou em suas obras uma força transgressora que



Tapete e biombo, 1929.

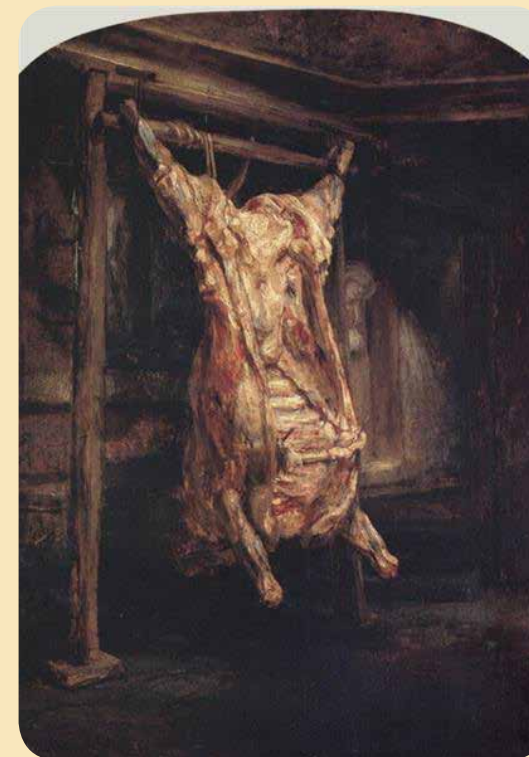


misturava, então, o expressionismo de Lang, o barroco de Poussin, o cubismo de Picasso e sua história familiar. O resultado são pinturas que até hoje perturbam o olhar dos espectadores com temáticas masoquistas, homoeróticas em composições quase forenses de corpos desmembrados ou desfigurados e fluidos naturais, como sangue, bile, urina e esperma.

Sua produção autodidata atraiu interesse: em 1933, teve uma obra (*Crucificação*) publicada na revista *Art Now*, ao lado de um trabalho de Picasso, comparando os estilos biomórficos, e, em 1937, participou de uma exposição coletiva em Londres intitulada “Jovens pintores britânicos”. Entretanto, quando o show recebeu críticas negativas, ele descartou todas as obras que exibiu, principalmente as que também haviam sido rejeitadas na Exibição Internacional Surrealista de 1936.

Na verdade, minha relação com o surrealismo é um pouco complicada. Acho que fui influenciado pelo que o movimento representa em termos de revolta contra o establishment na política, na religião e nas artes, mas minhas imagens não se relacionavam diretamente.

Crucificação, óleo sobre tela, 1933.



Carcaça de boi (1655), óleo sobre cartão de Rembrandt, possível influência para a obra de Bacon.



À medida que Bacon e De Maistre começaram a se distanciar, o jovem pintor passou a se dedicar a pequenos crimes e à prostituição, chegando o trabalhar em uma sauna chamada *The Bath Club*. Nesse estabelecimento, Bacon conheceu Eric Hall, vereador conservador, casado, pai de dois filhos e diretor de uma loja de departamentos. Em 1941, os dois se mudaram para um estúdio vitoriano, onde o pintor criou *Três Estudos para Figuras na Base da Crucificação* (acima, óleo de 1944), importante obra inglesa do século 20, que mostrava suas influências surrealistas (tanto de Picasso quanto de *Um cão andaluz* de Luis Buñuel) e fotográficas (especialmente Eadweard Muybridge).

É possível ver que o pintor introduziu, na maioria de suas obras, linhas finas, algumas vezes quase imperceptíveis, que se assemelham a um cubo, uma câmara ou uma gaiola. O filósofo francês Gilles Deleuze apontou em 1981 que essas “estruturas arquitetônicas” potencializavam a expressão dramática e a condição psicológica do sujeito ao criar uma composição que isola e destaca tanto sujeito quanto a ação. Ele dizia que o enclausuramento dos corpos era uma estratégia para afastar seus trípticos de possíveis construções narrativas:

No momento em que há várias figuras em uma mesma tela, as pessoas começam a elaborar uma história. E, no instante em que a história está pronta, o tédio se instala; a história fala mais alto do que a pintura.

Sua primeira exposição individual na Lefevre Gallery, em Londres, provocou um choque e não foi bem recebida. Era 1945 e o mundo estava farto dos horrores da guerra. Buscava-se imagens de paz e os tons sanguíneos de Bacon provocaram mais repulsa do que admiração. Todavia, conseguiu chamar atenção para a produção artística britânica e conquistou

seu espaço na Arte ao apresentar a natureza fundamental do homem pós-guerra em suas necessidades básicas e emoções primitivas.

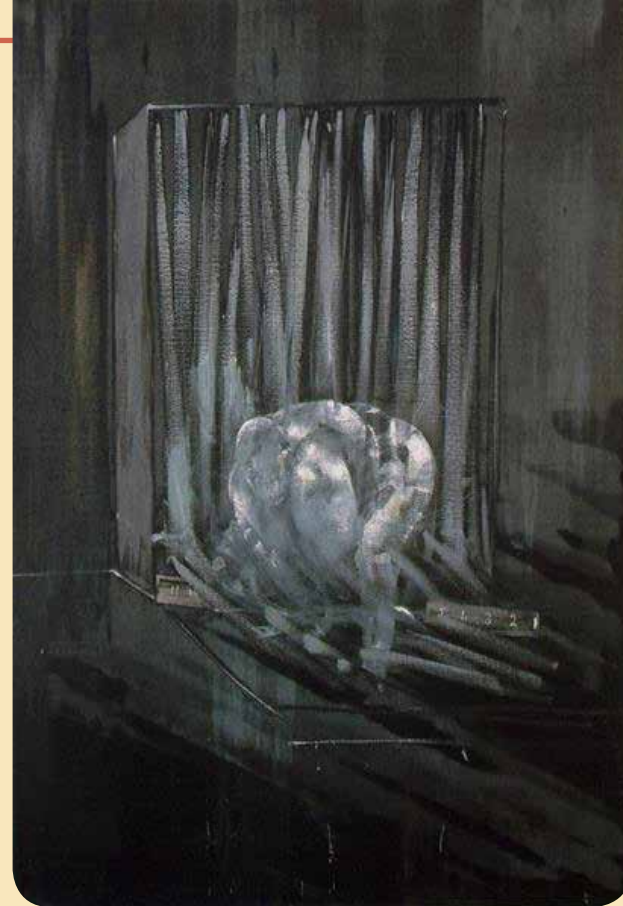
Estou sempre esperando para deformar a aparência das pessoas, mas nunca procurei o horror. O que eu poderia fazer para competir com todo o horror que vemos diariamente? Qualquer coisa em arte parece ser cruel, porque a realidade é cruel.



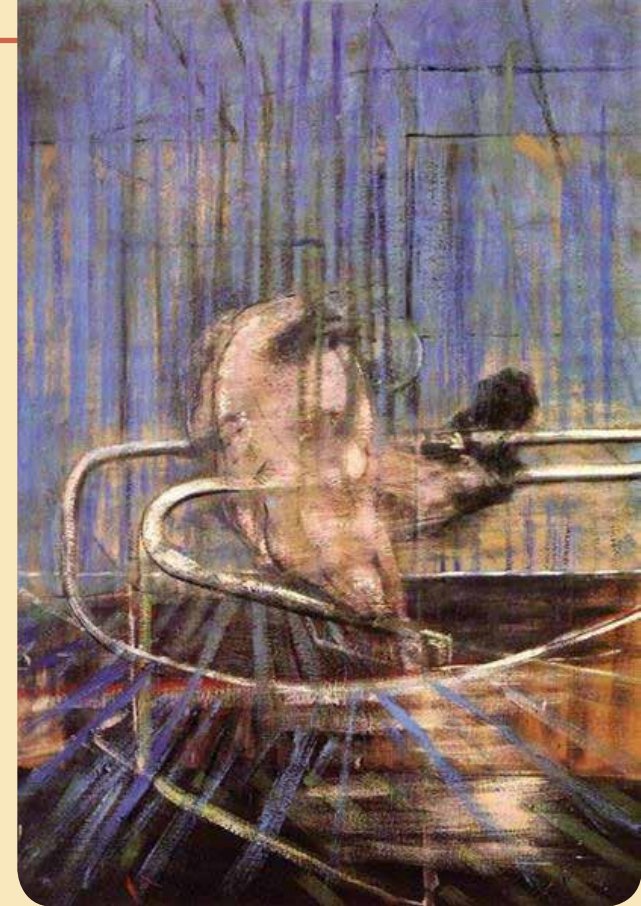
Estudo do corpo humano, óleo sobre tela, 1949.



Nu agachado, óleo sobre tela, 1951.

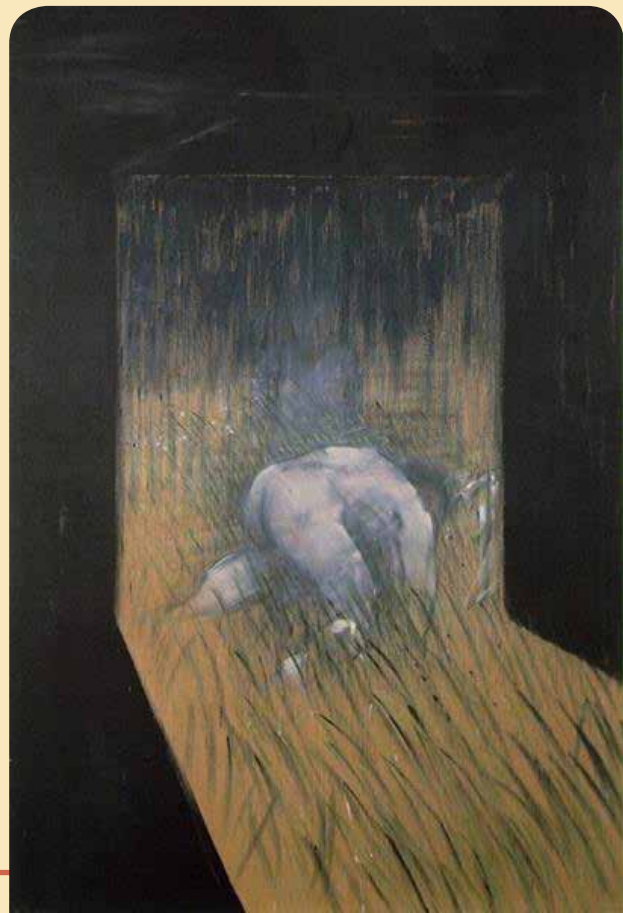


Estudo para nu, óleo sobre tela, 1951.



Nu agachado sobre trilhos, óleo sobre tela, 1952.

Homem ajoelhado na grama, óleo sobre tela, 1952.



Estudo para nu agachado, óleo sobre tela, 1952.

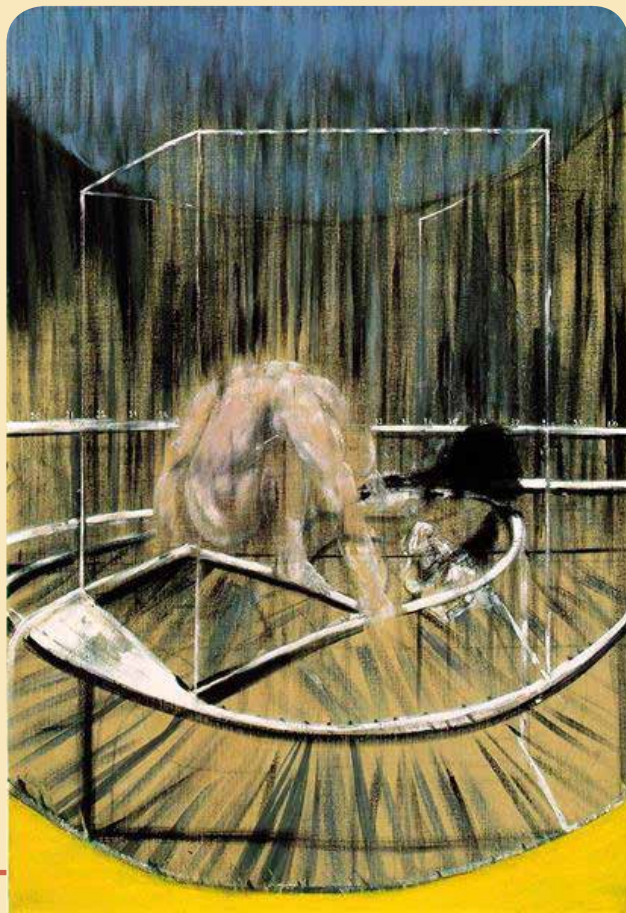
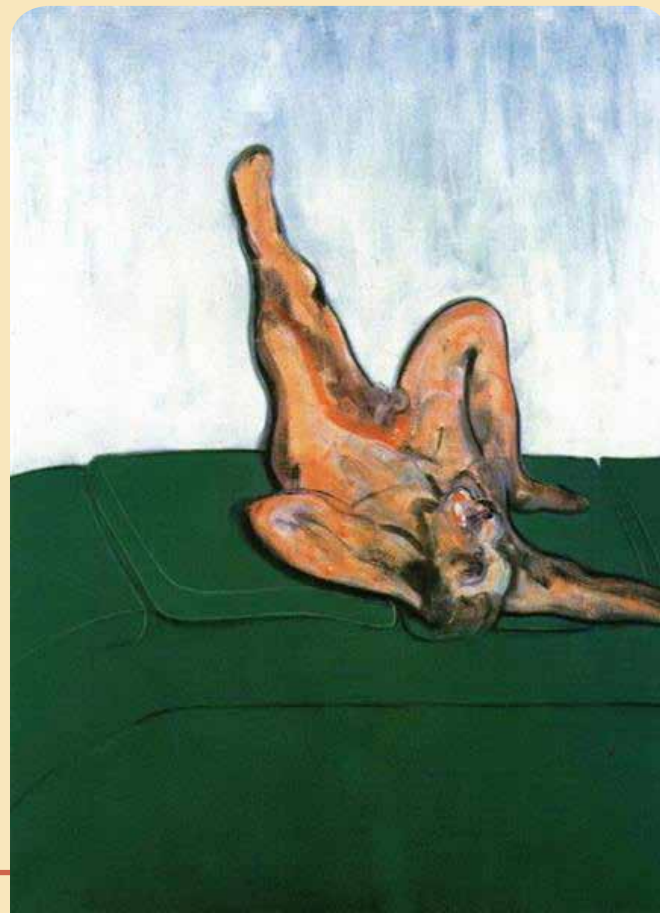
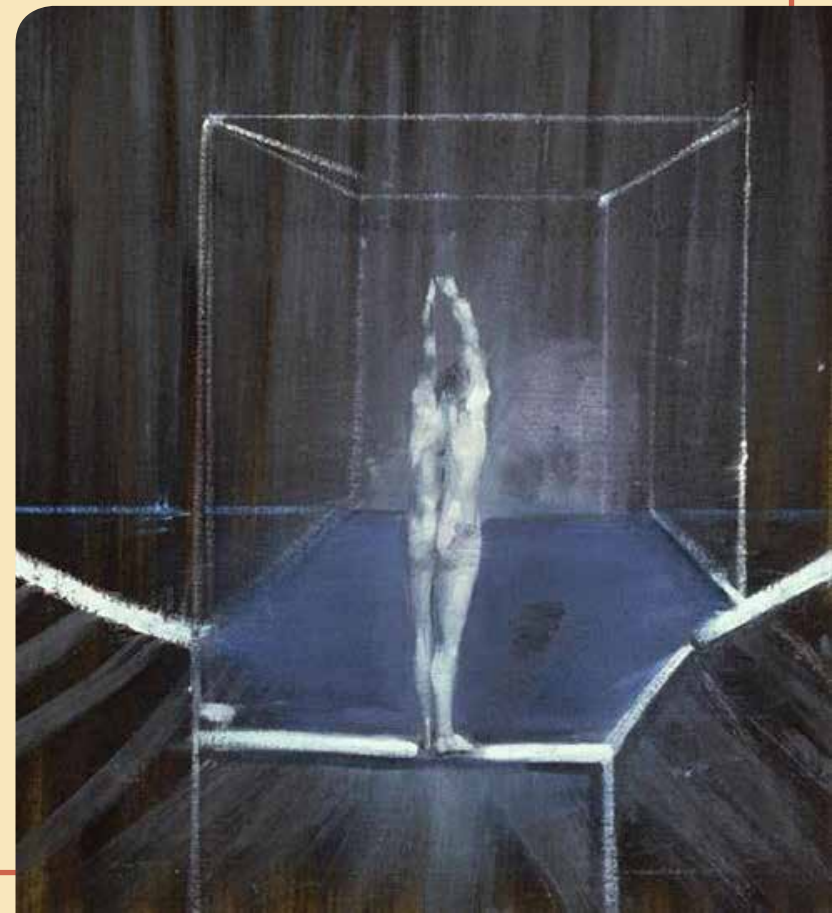


Figura deitada nº1, óleo sobre tela, 1959.

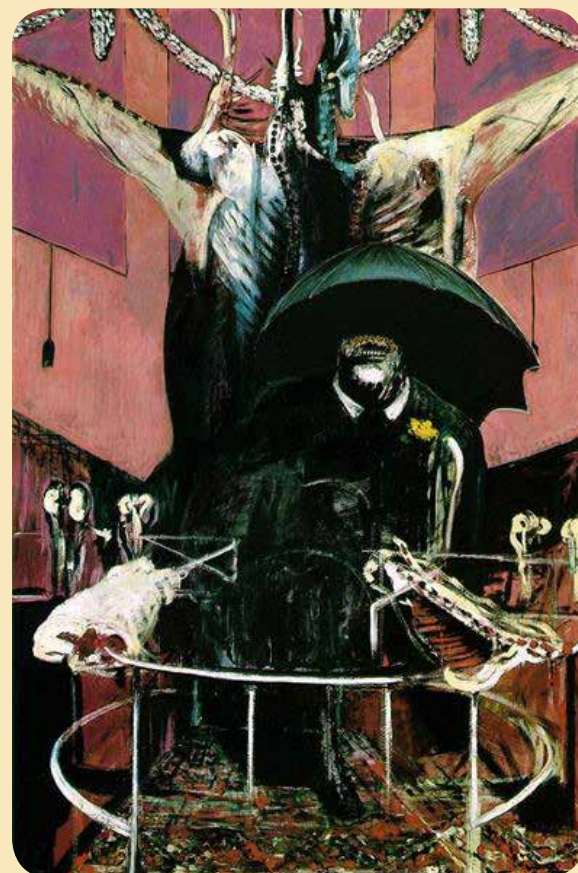


Estudo para nu, óleo sobre tela, 1953.

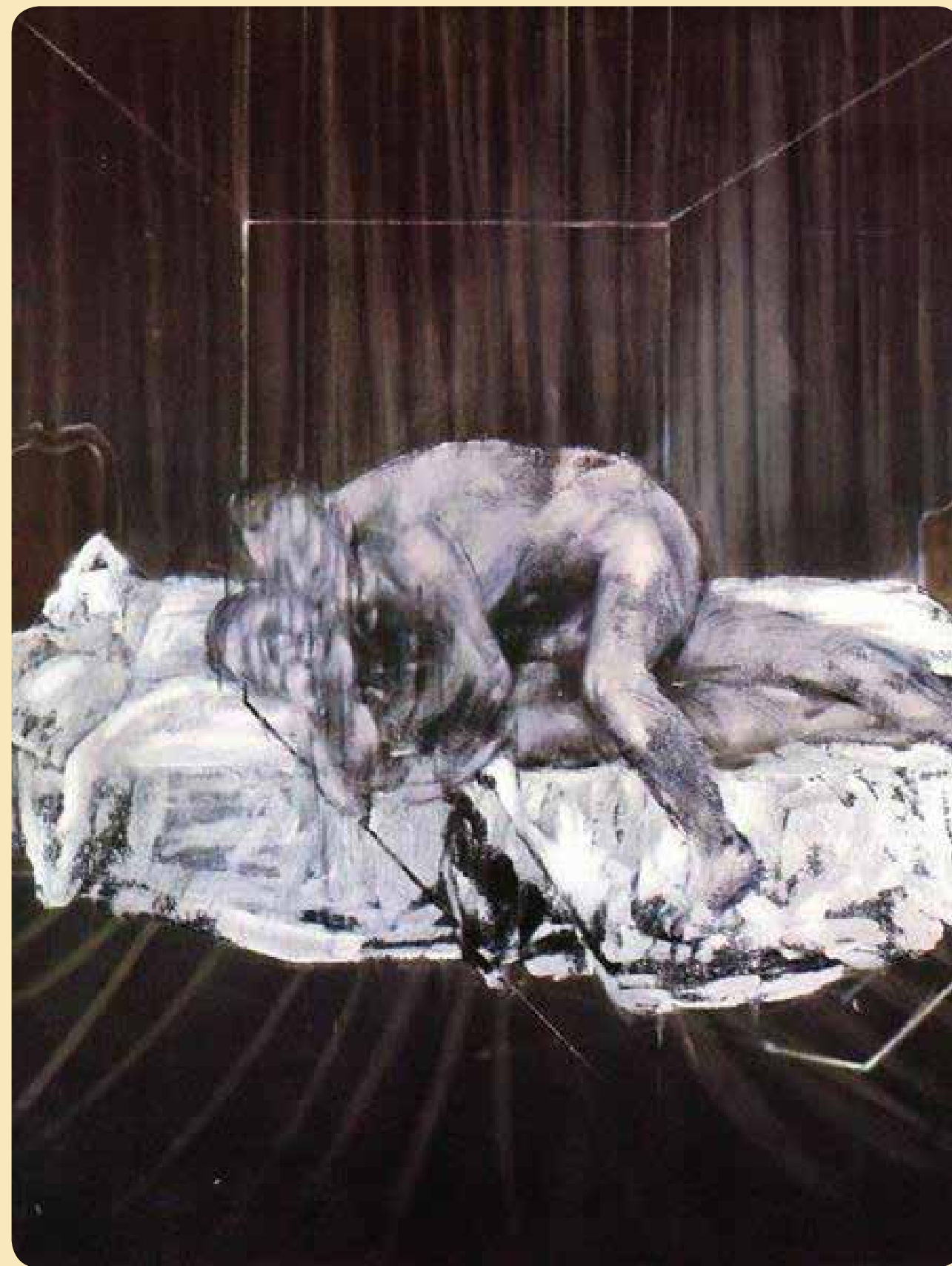


Aparentemente o relacionamento com Hall terminou de maneira infeliz: a única referência a ele é encontrada no quadro *Figura na Paisagem*, onde é representado sem cabeça, identificável apenas pelo terno que usa. Em 1946, viveu alguns anos em Mônaco e, por ter perdido seu dinheiro em jogos, começou a utilizar o verso de suas telas. Com o tempo, isso até se tornou um partido artístico do pintor.

O primeiro sucesso comercial veio em 1948, com a venda de *Pintura* para o MoMA, *Cabeça I* para uma galeria, e, por volta dos anos 1950, Bacon manteve uma vida boêmia cercado de celebridades até conhecer o ex-piloto de caça Peter Lacey. O relacionamento abusivo entre eles parecia materializar toda a autodestruição que o pintor colocava em seus quadros da época com um tom sádico e modelos irreconhecíveis. O casal vivia bebendo e brigando o dia todo, uma vez que o pintor era obcecado pelo amante que se dedicava em humilhá-lo, espancá-lo e rasgar suas pinturas. Em uma tentativa de escapar desse ciclo de violência (uma clara busca pela figura paterna), Bacon se retirou para um hotel e teve outros relacionamentos, anônimos e passageiros, registrados na série *Man in Blue*, como se tentasse capturar na tela o que não controlava em sua vida privada. Em 1954, representou a Grã-Bretanha na Bienal de Veneza ao lado de Lucien Freud e outros.



Pintura, óleo sobre tela, 1946.

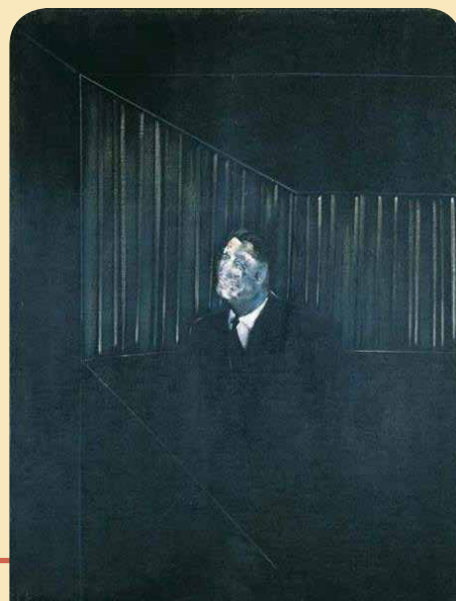
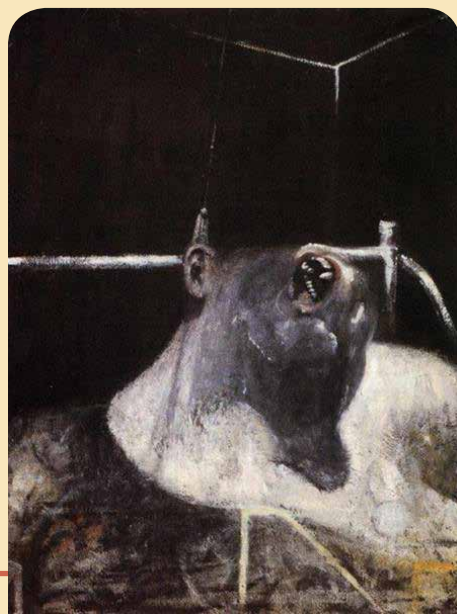


Duas figuras, óleo sobre tela, 1953.

Figura na paisagem, óleo sobre tela, 1945.

Cabeça I, óleo sobre tela, 1948.

Man in Blue II, óleo sobre tela, 1954.





Sua visão do mundo incluía confrontar os tabus do sexo impostos pela religião através de uma representação visceral do ser humano. Sua série conhecida como “papas gritantes”, era uma releitura d’*O Retrato do Papa Inocêncio X*, de Velázquez, usando cores escuras e pinceladas ásperas para distorcer o rosto do pontífice. Porém, Bacon se dizia “um pintor simples e direto” e enfatizava seu desacordo com algumas análises que eram feitas de suas obras, especialmente as religiosas que falavam de suas criações como um mundo nietzschiano sem Deus.

Mudou-se para Londres em 1961 e três anos depois, sua casa foi assaltada por George Dyer, um modelo viciado em drogas, que acabou fascinando o pintor. Em *Retrato de George Dyer no espelho*, a superfície retangular reflete um rosto rachado ao meio, beirando o irreconhecível, sem deixar dúvidas do relacionamento conturbado que eles viveram. Dyer chegou a acusar Bacon de posse de drogas, mas morreu de overdose, em 1971, na véspera da exposição de sua retrospectiva no Grand Palais, em Paris, que consagraria a obra de Bacon internacionalmente. O pintor ainda criou o tríptico *Em memória de George Dyer* explorando o fracasso do relacionamento em um novo reflexo que não coincide com a figura que está em frente ao espelho.

Aliás, quando retratava seus amigos, o pintor preferia trabalhar sobre fotografias ou apenas a partir da memória, mas nunca com a presença deles em seu ateliê – “eu não quero praticar na sua frente a violência que eu lhes faço no meu trabalho, prefiro praticar essas violências às escondidas, o que na minha opinião permite registrar a realidade delas com mais clareza”, dizia. Isso explica por que Lucian Freud, quando chegou ao ateliê para ter seu retrato pintado, encontrou a tela já quase terminada e descobriu que Bacon usou uma fotografia de Franz Kafka como modelo. O tríptico *Três estudos de Lucien Freud* foi arrematado em um leilão por 149 milhões de dólares, tornando-se a obra mais cara do mundo em 2013.

Estudo após Velázquez (1950), Estudo após Velázquez II (1950) e Estudo após O Retrato do Papa Inocêncio X de Velázquez (1953), todos óleos sobre tela.

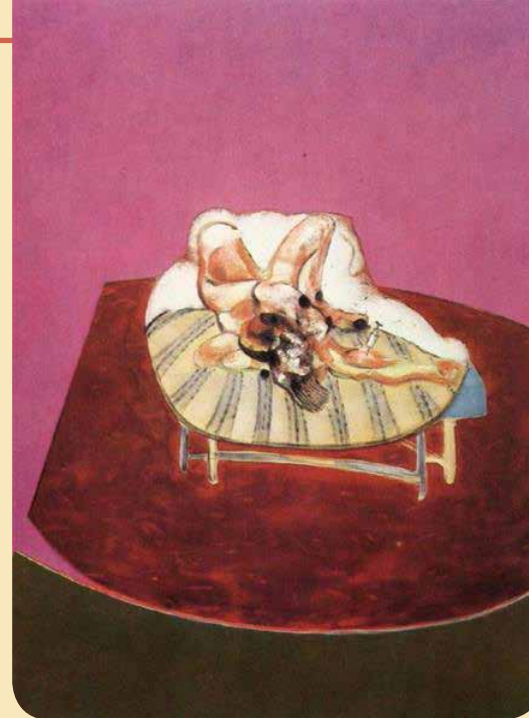
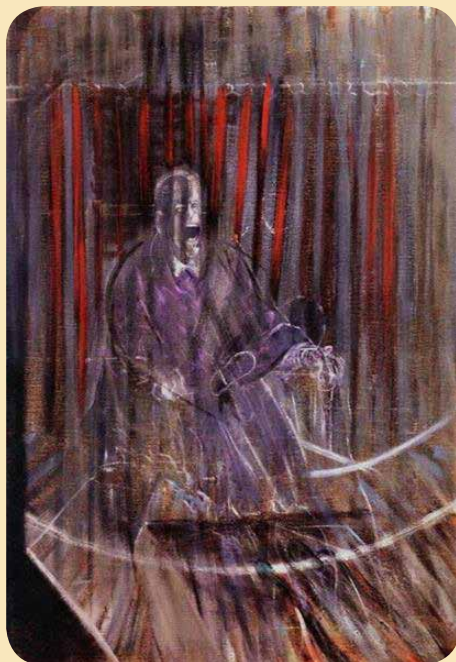
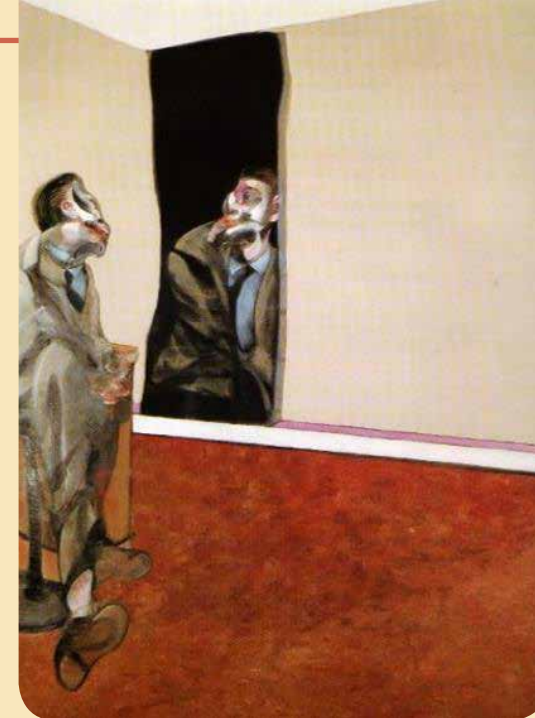


Figura deitada com agulha hipodérmica, óleo sobre tela, 1963.



Retrato de George Dyer no espelho, óleo sobre tela, 1967.



Em memória de George Dyer, tríptico em óleo sobre tela, 1971.

Três estudos de Lucien Freud, óleos sobre tela, 1969.

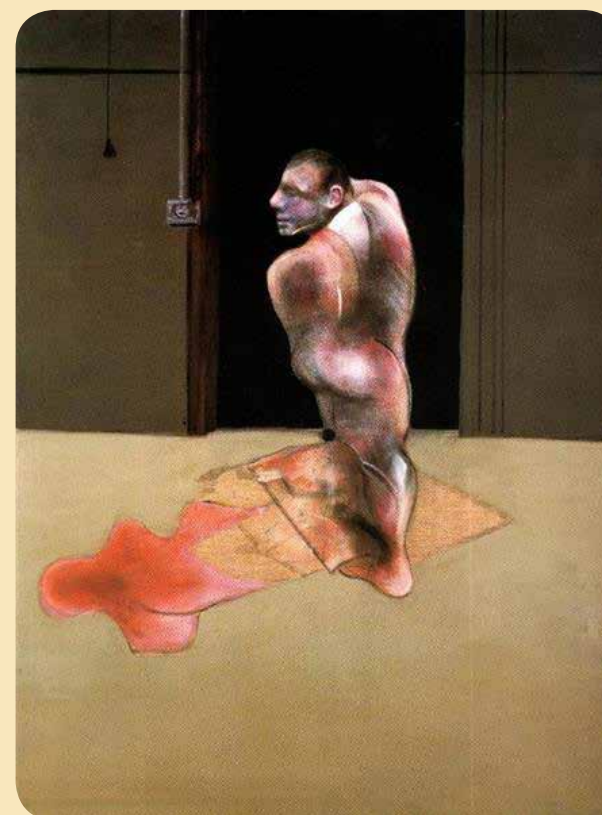




Estudo do corpo humano, óleo sobre tela, 1982.



Três estudos de figuras na cama, óleo sobre tela, 1972.



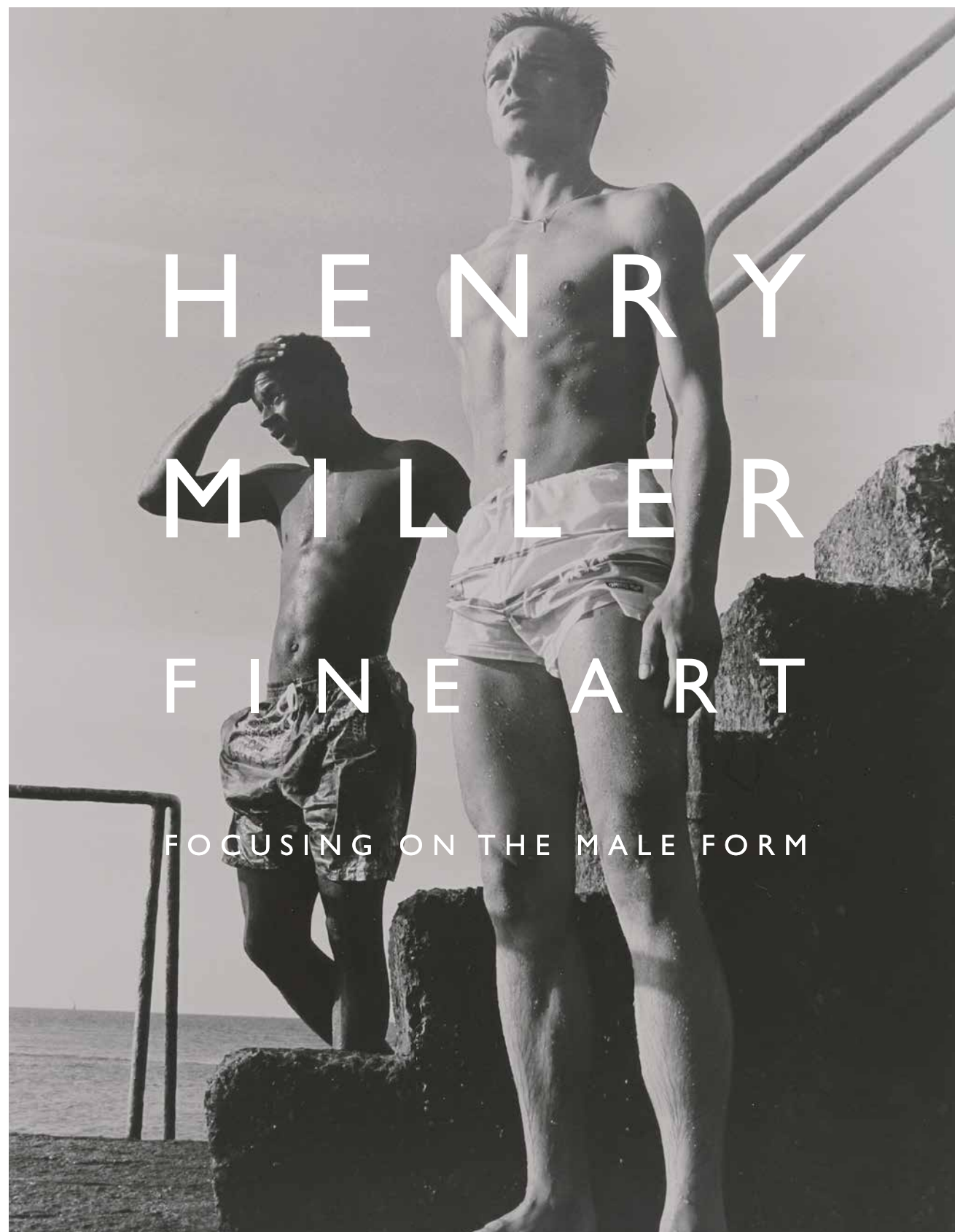
Estudo para retrato de John Edwards, óleo sobre tela, 1986.

Em 1974, conheceu John Edwards, para quem se tornaria uma figura paterna, finalmente invertendo os papéis em sua vida romântica. Edwards era dislético e analfabeto, mas – como ficou registrado no documentário da BBC Francis Bacon's Arena – “aprendeu a escrever o nome rapidinho, assim que ganhou um talão de cheques”. Edwards se tornou o herdeiro do patrimônio de Bacon, mesmo que, na década de 1980, eles já tivessem vidas sexuais separadas. Alguns desenhos feitos entre 1970 e 1990 ficaram com Cristiano Lovatelli-Ravarino, possível amante italiano de Bacon.

Já no fim dos anos 1980, o pintor conheceu um banqueiro espanhol e se mudou para Madri, terra de Velázquez, pintor que venerava. Em abril de 1992, Bacon veio a falecer de um infarto agravado por uma crise respiratória, consequência da asma que sofrera a vida inteira.

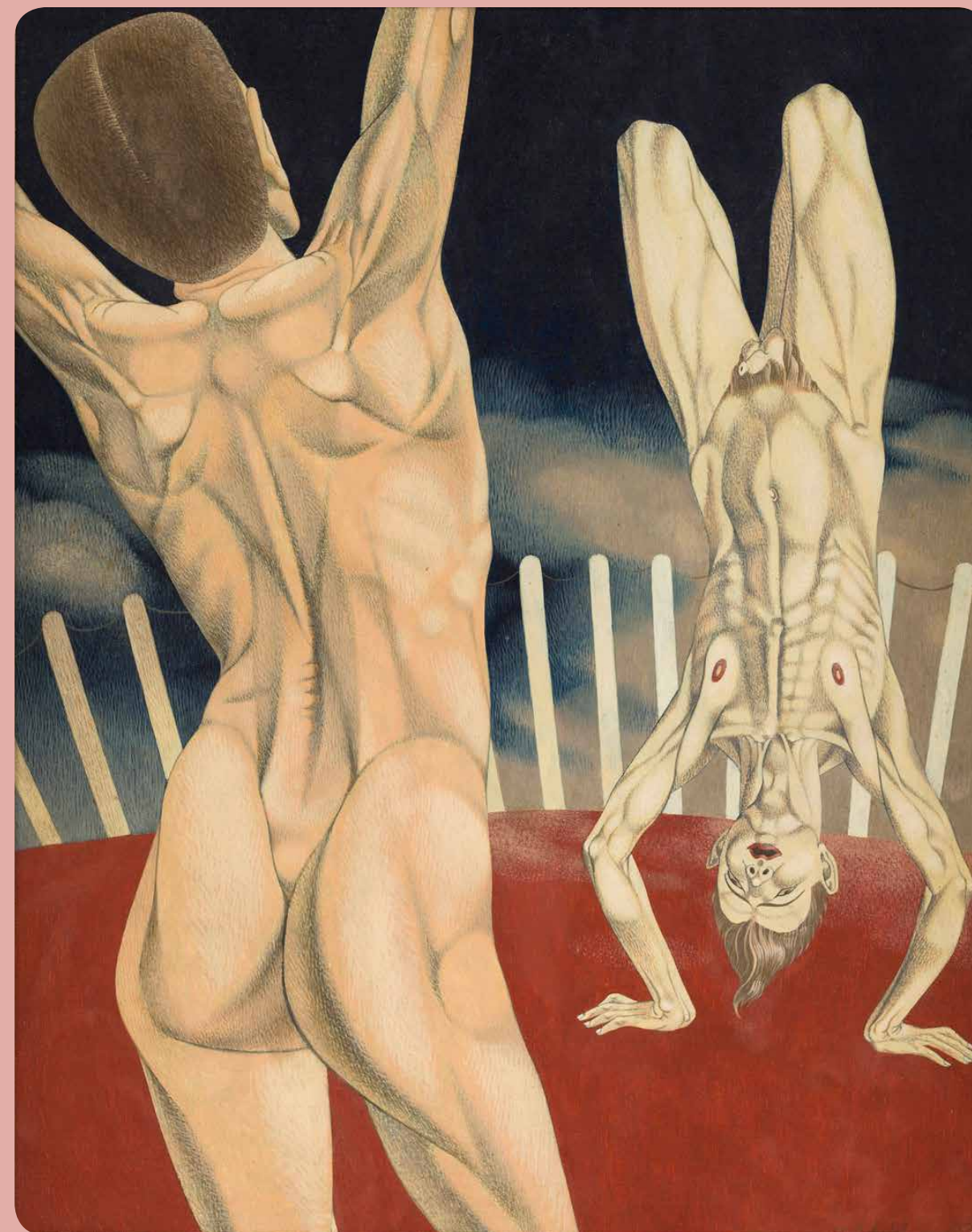
Nascemos e morremos, e no intervalo nossos impulsos dão sentido a essa existência sem propósito. Acho que a arte é uma obsessão pela vida e, afinal, como somos seres humanos, nossa maior obsessão somos nós mesmos.

8=D



WWW.HENRYMILLERFINEART.CO.UK +44(0)20 85092044
HENRY@HENRYMILLERFINEART.CO.UK (0)7769 700290

Falo em Foco



Figuras retumbantes, têmpera sobre cartão de Francis Plummer, 1931.

Larry Buller

por Marcos Rossetton

MUITO ALÉM DE UM JOGO DE CHÁ!

Ao pensarmos em peças fabricadas em cerâmicas, o imaginário coletivo nos leva a visualizar objetos convencionais, como xícaras de um jogo de chá, um bibelô enfeitando a estante da casa da vovó ou um vaso de flor rebuscado estilo rococó na mesa. Proponho aqui a combinação destes elementos e referenciais clássicos, tradicionais e vintage com algo mais contemporâneo e subversivo no uso dessa técnica; tudo isso para apresentar a cerâmica do artista **LARRY BULLER**, um daqueles criativos que dominam há anos uma técnica para depois subvertê-la com maestria!

Buller é americano de Nebraska e completou seu mestrado em Belas Artes com ênfase em Cerâmica pelo curso da Escola de Arte, História da Arte e Design da Universidade de Nebraska-Lincoln. Buller atuou como docente por 18 anos em cursos do ensino médio e na graduação, conferindo ao longo dessa trajetória acadêmica e artística o trabalho com a cerâmica.



Prato sarado #1, 2019.



Prato sarado #2, 2019.



Peça central fállica chique em prato vermelho, 2019.



Peça central fállica com rosas azuis, 2019.
Peça central fállica com pêssegos, 2020.

ALQUIMIA DO BARRO

O uso do barro como matéria prima tem origem neolítica. Até em citações bíblicas encontramos referências à nobreza do barro bruto!

“O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gênesis 2:7)

Com Buller isso não é diferente. No entanto, em seu trabalho há uma noção de ativismo latente, uma subversão de crenças, valores e pudores! Isso torna sua expressão artística algo contemporâneo, autoral e peculiar.

Buller usa argila de barro branco, moldes de prensagem e técnicas de fundição para criar estatuetas, pratos, itens de fetiche sexual e outros componentes feitos à mão que muitas vezes são montados em peças centrais ou trabalhos de instalação maiores. Ele é um alquimista que usa suas próprias mãos para transformar a terra em obras de arte completas. Muitas tentativas e erros permitem que ele explore as possibilidades ao longo do processo criativo com a argila e crie novos trabalhos de uma maneira altamente focada.

Apaixonado pela cerâmica, Buller já usava a argila desde os 13 anos de idade. Ele sempre foi curioso sobre a variedade de práticas artesanais, mas de fato, se descobriu artista na transição entre a criança criativa e o homem com o título de mestre ceramista.

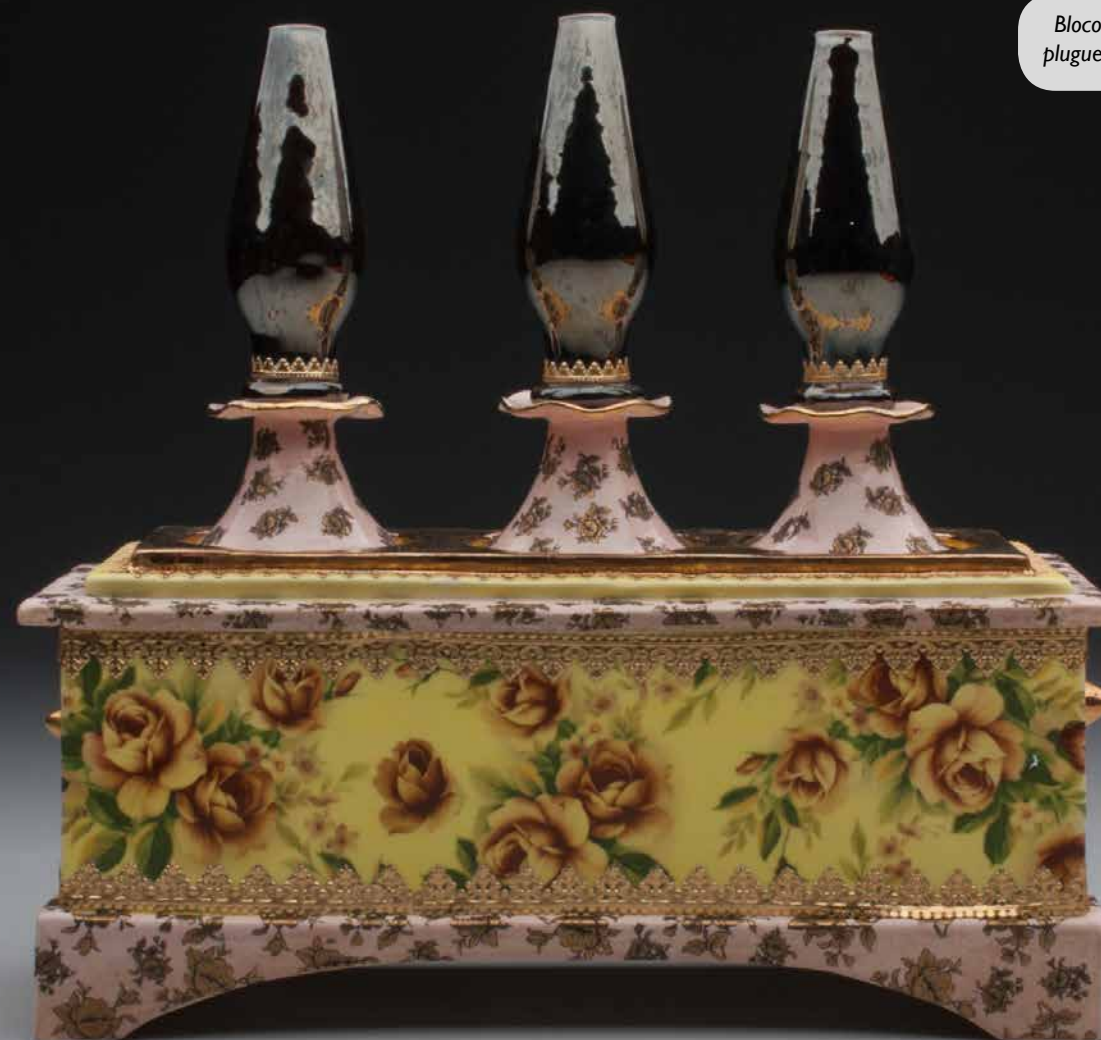
O BARRO, O FALO, A IDENTIDADE

Larry Buller “saiu do armário” aos 19 anos e, desde então, carrega a identidade LGBTQIA+ em seu DNA. Hoje aos 63 anos, explora sua criatividade com a percepção e a compreensão de um homem gay maduro. Buller foi testemunha da evolução da luta pelos “direitos gays” que se manifestou com a rebelião de Stonewall em Nova York em 1969 e muitas dessas experiências anteriores servem de inspiração para seu trabalho atual.

As mensagens em suas obras são interpoladas: de primeira, percebemos o encantamento e o preciosismo das peças em cerâmicas sempre muito bem decoradas; contudo, após um olhar mais atento, a natureza subversiva se torna aparente e, conseqüentemente, a presença de sua afirmação e lugar de fala na construção de sua identidade. Buller faz



Grande consolo com rosas douradas, 2019.



Bloco de flores de plugues anais, 2019.

uma analogia, dizendo que, assim como a mariposa é atraída para a luz, ele busca atrair o olhar dos espectadores através de suas superfícies adornadas. Somente com essa inspeção detalhada, uma intenção ainda mais transgressora é revelada: as cerâmicas do artista abordam o fetiche. Ícones sádicos, formatos de objetos dominadores, peças como correntes, figuras fálicas e consolos penianos compõem obras tanto perturbadoras quanto cheias de poesia. Há um equilíbrio entre o classicismo presente na cerâmica esmaltada e o voyeurismo fetichista masculino em suas obras. Buller tem prazer em apresentar essa dicotomia que confunde a linha tênue entre as cerâmicas funcionais e não-funcionais, ora usuais e tradicionais, ora mais subversivas e transgressoras.

Ao dar atributos sexuais para objetos e bibelôs de cerâmica, Buller debocha do cenário doméstico, do cotidiano ordinário e apimenta os espaços das famílias tradicionais heteronormativas. Dessa forma, procura questionar o que é considerado “bom gosto” no ambiente caseiro tradicional. Você saberia nos dizer?

A genitália masculina costuma não estar explícita no trabalho de Buller, mas a forma fálica está lá, como uma armadilha, camuflada, esperando sua presa para dar o bote! O artista cria objetos que têm significados duplos: compotas de pêssego e berinjela que funcionam como peças centrais, mas também com atributos e significados que sugerem as preferências sexuais de “ativo ou passivo”. O fálico é um bibelô posto à mesa antes da hora do jantar. Fetiche puro!



Estatuetas chiques, 2021.



Brinquedos diminutos, 2019.



Peças centrais de pêssego e berinjela, 2021.

O CLÁSSICO vs. O TRANSGRESSOR E O RELIGIOSO

Os santos que decoram o altar de Buller são de cerâmica esmaltada, brilhos dourados, pedras, pelúcia e papéis laminados de forma altamente ornamental em esplendores barrocos e apliques de vistosos decalques florais; tudo selecionado e apreciado no repertório da fé. Entretanto, suas imagens sacras transgridem os altares religiosos quando são apresentadas em consolos penianos, plugs anais e brinquedos fálicos, objetos do repertório clássico das práticas sexuais! Um escândalo! Graças a Deus!

Na verdade, ocorre uma “comunhão” entre o fetiche sexual e a natureza doméstica dos seus objetos, a religiosidade e, evidentemente, as formas masculinas apresentadas em suas obras. É uma fusão de elementos que resultam em objetos escultóricos fálicos e suntuosos. Dignos de estarem presentes em qualquer oratório doméstico!



Plugue anal Jesus, 2019.

Plugues anais sortidos, 2020.





Triptico fálico, 2017.

Buller sabe disso e explora a cerâmica para provocar os mais incautos! Enquanto desafia crenças que ressoam os dogmas mais conservadores, apresenta suas experiências pessoais com a natureza do sexo gay, o fetiche e a masculinidade, buscando principalmente quebrar estereótipos das minorias sexuais.

Para o artista, nos EUA começa-se a naturalizar e aceitar mais a exposição do corpo masculino nu, seja no erotismo das artes, seja nos filmes; e, dentro dessa contemporaneidade, muitos artistas sentem-se mais confortáveis em explorar a beleza do corpo masculino nas mais diversas linguagens das artes visuais. No caso de Buller, seu trabalho leva a carga sexual sutilmente para ser exposta no “armário de porcelana” da família tradicional e ocupar orgulhosamente seu lugar entre os itens colecionáveis.

Assim, Buller segue sua intuição, inspirado nos “insights” de sua própria existência LGBTQIA+. Sem regras, vive e explora santos, demônios, dildos, correntes, objetos das práticas sexuais, fetiches, o corpo masculino e o desejo humano, tudo cercado de poesia e feito de louças esmaltadas em cerâmicas para contemplarmos numa tarde ensolarada com biscoitos e chá.

8=DO=8



Plugue anal tamanho queen com rosas amarelas, 2019.

Larry Buller



Marcos Rossetton



Trio de brinquedos, 2017.

D + Z

Foto: Endemic. Arte:
Daniel Fdez. Cámara.



Se você segue muitos artistas que trabalham com a nudez masculina, já deve ter percebido que o mesmo casal sempre aparece sendo retratado. Vamos, então, conhecer um pouco sobre esses “musos” da Arte!

FALO: Oi, rapazes! Vamos começar contando um pouco sobre vocês.

[Z] Então... somos Zeljko (38) de Zagreb, Croácia, e Daniel (41), de Essen, Alemanha. Somos um casal há 5 anos, vivendo e amando o tempo todo em longa distância – o que significa muitas viagens entre nossos dois países.

Nos conhecemos mais ou menos por acaso no Instagram em 2016. Simplesmente começou com uma curtida aqui, uma curtida ali, aí começamos a conversar e descobrimos o quanto temos em comum, o quanto gostamos de conversar, e começamos a desenvolver sentimentos cada vez mais. Foi muito estranho porque ainda não nos conhecíamos na vida real e se apaixonar pela internet parecia muito abstrato para nós dois. Bem, lá estávamos nós de repente no meio de um intenso romance virtual, então depois de quase 5 meses de bate-papo, decidimos nos encontrar na vida real. Daniel voou para a Croácia e no momento em que nos vimos foi como se todos os sentimentos que desenvolvemos até então fossem finalmente confirmados. Desde

então, tentamos passar o máximo de tempo possível juntos. Estou trabalhando como consultor de meio ambiente para uma empresa em Zagreb e posso fazer muito do meu trabalho de casa, então posso estar na Alemanha com mais frequência. Daniel está trabalhando no ramo de gastronomia e hotelaria em Essen e isso é obviamente mais difícil de gerenciar em casa ou no exterior. Porém, depois de 1,5 anos de pandemia, nós finalmente decidimos dar o próximo passo e vamos morar juntos em Zagreb. Isso significa que Daniel se mudará para o sul.

E o que os levou a tirar fotos nuas?

[D] Foi um processo, começando por um pouco de diversão e curiosidade. Quanto mais nos aprofundávamos, entendíamos a alegria e também a importância disso.

Nós dois já estivemos em relacionamentos onde não era tão comum estarmos nus, seja na fotografia ou na vida cotidiana, como em praias de nudismo ou algo assim. Contudo, nós tínhamos o desejo de sermos mais abertos sobre nudez e sexualidade.

Por muito tempo, fiquei muito inseguro sobre meu corpo. Também passei por algumas mudanças corporais e sempre almejei um momento de liberação. Com Zeljko eu realmente experimentei pela primeira vez me sentir bem na minha própria pele, me sentir bem em relação à sexualidade e também obter motivação um do outro. Zeljko sempre foi um pouco mais safado e adora ficar nu desde que saiu do útero. Estar nu é o estado mais natural para ele.

Não há vergonha entre nós, podemos falar sobre qualquer coisa e tudo parece natural. Tirar fotos de nudez foi e ainda é definitivamente uma parte importante da autoaceitação e do amor próprio por mim mesmo, e compartilhar isso com o homem que amo torna cada vez uma experiência inesquecível.

O que os levou a serem modelos para a arte?

[D] Para ser honesto, não estávamos pensando em modelar no início, mas à medida que mais e mais artistas se aproximavam e sugeriam colaborações, começamos a gostar do trabalho, além de nos

tornarmos amigos íntimos de muitos deles. Com cada colaboração, também pudemos saber mais sobre a vida dos artistas e sua maneira de trabalhar, suas lutas e, especialmente, a importância da visibilidade da arte queer. Ver a censura contínua da arte queer é definitivamente algo que não torna o trabalho mais fácil para eles. Muitos esquecem que se trata de um trabalho remunerado e não de um hobby, e com a pandemia tudo se tornou ainda mais difícil com o fechamento de mercados ou até de suas lojas.

Vocês se vêem como artistas?

[Z] Essa é difícil! Quando trabalhamos com artistas, a colaboração é sempre muito diferente. Alguns querem que estejamos 100% envolvidos, ou seja, pedem opiniões ou deixam que decidamos a direção da sessão de fotos. Outros, pelo contrário, têm uma visão clara e direta e nós, como modelos, estamos lá para a concretizar. É empolgante e criativo em suas próprias maneiras, então, nos vemos em algum lugar entre modelo, musa e artista.

Fotos: Autorretratos. Arte: Magió.



Como funciona? Vocês abordam os artistas ou eles os convidam? É uma sessão de modelo ao vivo (atualmente virtual), uma foto tirada por vocês ou uma foto profissional?

[D] Somos principalmente abordados por artistas, mas também, quando inspirados por seus trabalhos, entramos em contato esperando uma colaboração agradável.

A arte é normalmente baseada em fotos existentes, sejam tiradas por profissionais ou selfies que nós mesmos fizemos. Se for feito um pedido de colaboração, a primeira coisa que perguntamos é sobre a ideia, quais são as preferências em relação às poses e depois a seleção de uma imagem adequada que inspire o artista. As sessões de fotos que tivemos até agora foram ao vivo e só tivemos uma sessão de fotos virtual.

[Z] Uma das melhores coisas sobre as redes sociais é a possibilidade de se conectar com o mundo. Então, pudemos colaborar com artistas de todo o mundo,

por exemplo, Japão, Omã, Brasil, EUA, Malásia, Canadá, Rússia, Argentina e muitos mais.

Vocês se lembram do primeiro trabalho?

[D] Claro que sim! Foi uma experiência linda! Estávamos falando aqui sobre a nossa primeira sessão de parceria com o Cerf Photography. Na verdade, foi o que colocou tudo em movimento! Foi muito emocionante e surpreendentemente muito natural estar nu e íntimo na frente das câmeras. Conhecemos Cerf neste lindo quarto de hotel em Liege, Bélgica, e a química entre nós funcionou perfeitamente. Ele estava ciente de que era nosso primeiro ensaio desse tipo e foi nos dando instruções gentis, nunca nos empurrou para algo com que nos sentíssemos desconfortáveis e nos deu também o espaço de que precisávamos. As fotos feitas naquele dia contam a história. Este ensaio até hoje tem um significado muito especial para nós, ansiosos para o próximo!

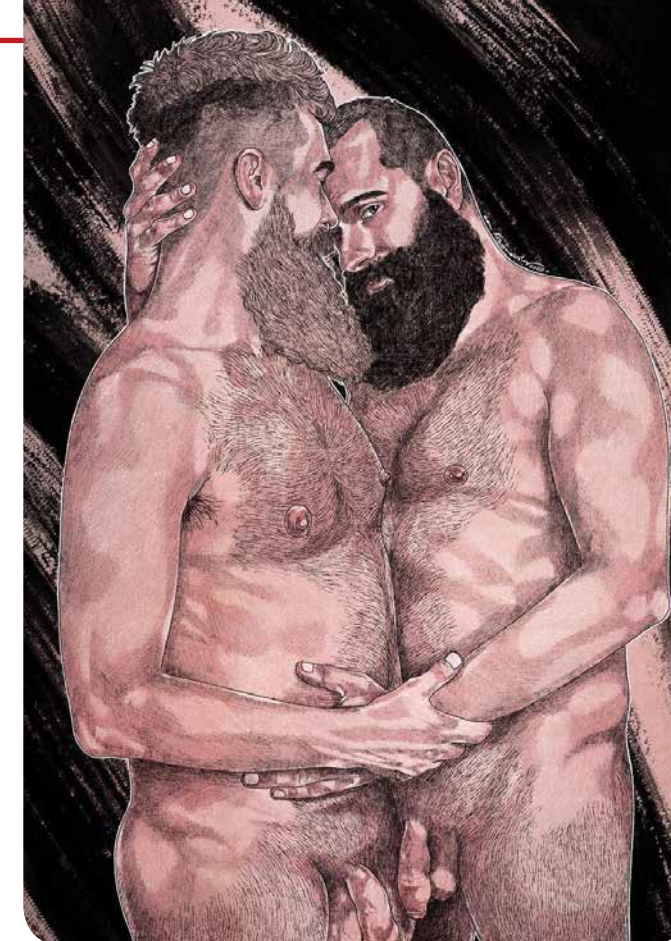


Foto: Manel Ortega.Arte: Kajetan von Kazanowsky.



Foto: CERF.



Foto: Wild Boar Photography.Arte: Auston L.



Foto: Berlinlandscapes.Artes: John Jeffries e Ramón Tormes.



Qual a importância de mostrar o nu frontal masculino?

[Z] Imagine qualquer estátua clássica masculina com o pênis lascado. Isso não é decepcionante!? Acharmos muito importante mostrar o corpo masculino em sua plenitude – genitais incluídos – em toda sua beleza e diversidade. O pênis é frequentemente censurado hoje, para torná-lo apropriado para os espectadores, mas questionamos 100% as verdadeiras razões disso. Pergunte a si mesmo: quem tornou o pênis mais diabólico do que, por exemplo, o seu nariz?

Claro que tivemos que nos acostumar a ficar nus para os artistas, mas isso se tornou mais natural, desde que a química parecesse certa. Uma ereção ou mesmo uma relação sexual fluem facilmente dessa forma. Existe mais do que pintos quando se trata de expressar erotismo masculino, mas, novamente... vamos ser honestos... também é uma das partes mais atraentes, não é?



Foto: Manel Ortega.Arte: Tristor Blue.



Foto: Selfie.Arte: Stevie-Ray Smith.

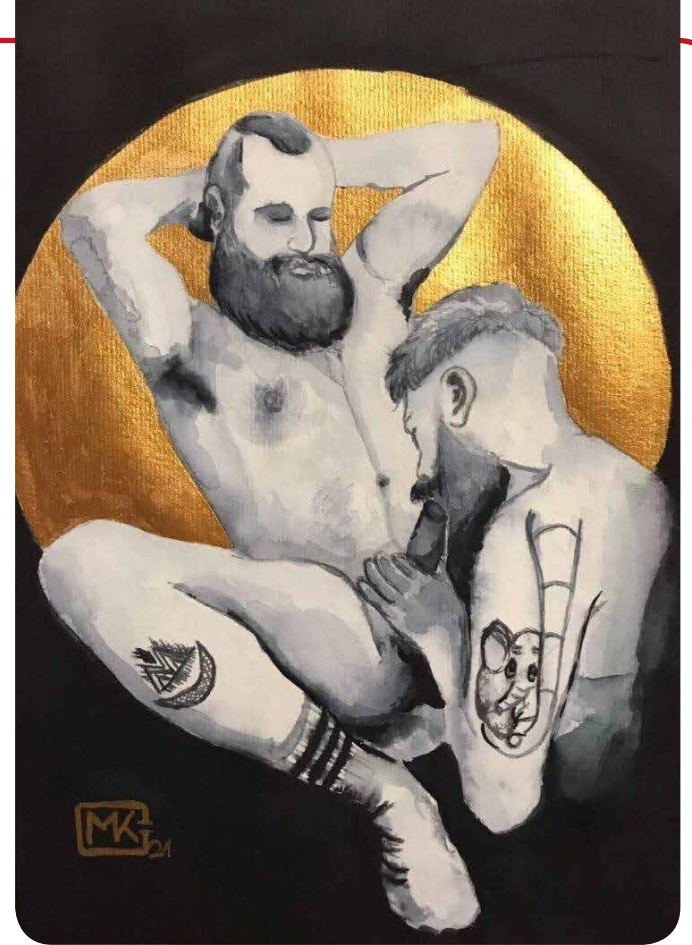


Foto: Manel Ortega.Arte: ManuKro.

Foto: Selfie.Arte: Paul Muresan.

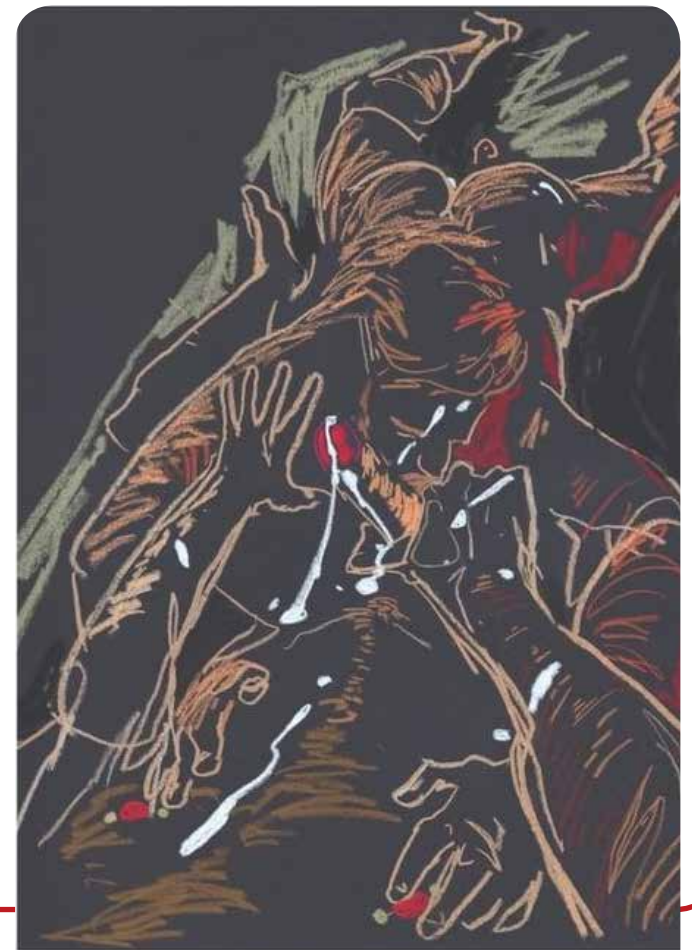
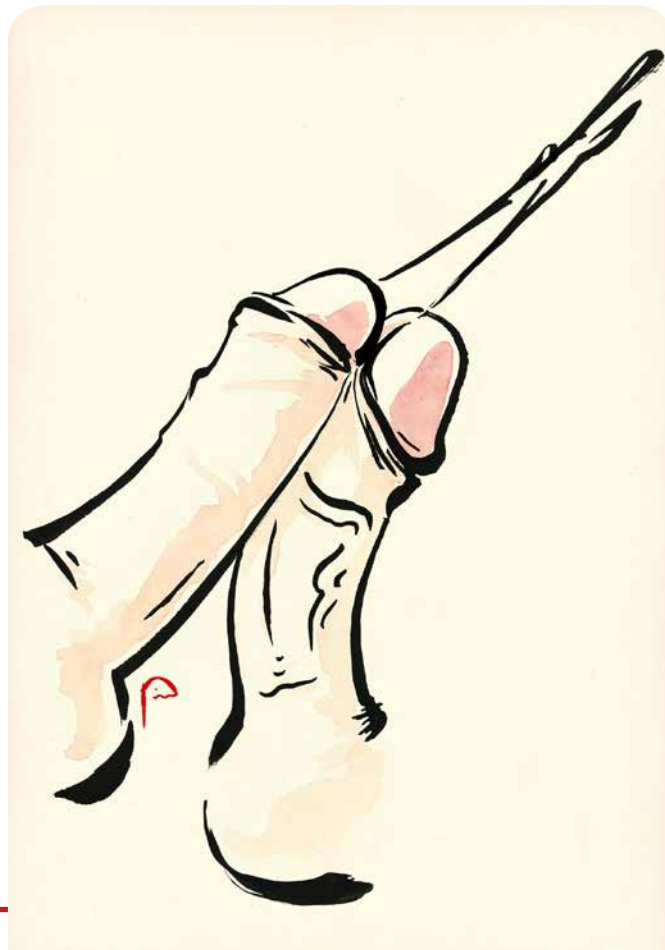


Foto: Manel Ortega.Arte: Paul Muresan.



Foto: Selfie.Arte: Guelmo Rosa.

Vocês vêem alguma mudança na aceitação da figura masculina como objeto de arte?

[D] A nudez frontal masculina ainda é um tabu. Assim que há um pau visível, a polícia da censura ataca e o sinaliza como algo obsceno e inaceitável. Além disso, a arte erótica homo não está apenas sofrendo com a censura da nudez, mas também com os preconceitos homofóbicos em geral. A maioria das pessoas ainda não aceita ver os caras sendo sensuais, carinhosos, selvagens ou apaixonados um pelo outro.

Além disso, como se o dito acima não bastasse, a visão sobre o erotismo masculino na comunidade gay/queer infelizmente ainda é impulsionada por vários estereótipos. A diversidade nos corpos masculinos mostrada na pornografia comum muitas vezes está ausente, mostrando clichês comuns: masculino, heteronormativo, top etc.

Então, compartilhar nossa intimidade dessa forma, às vezes até de forma explícita, mas sempre emocional, é muito importante para mostrar a profundidade de tudo isso. Fazemos isso na esperança de inspirar, mas também na esperança de mudar a maneira como as pessoas vêem o corpo masculino nu e o erotismo queer.

Vocês têm algum conselho para quem busca trabalhar com Arte e Nudez?

[D+Z] APENAS FAÇA!

[D] Comece NÃO se comparando aos outros. O mais importante é que você se sinta confortável com o que deseja alcançar, para depois comunicar ao artista! Nunca faça nada com que você não se sinta confortável, estabelecer limites é uma obrigação.

[Z] Encontre um artista talentoso ou um modelo e apenas fale sobre experiências, tente descobrir o que funciona melhor para você. Para nós a química com o artista é o fator determinante que nos dará os melhores resultados.

[D] Não tenha medo de se revelar ao artista, se tiver inseguranças ou dúvidas. Um bom artista saberá como lidar com isso.

Algun plano para o futuro desse tipo de trabalho que vocês estão fazendo?

[D] Bem, depois de nos estabelecermos em Zagreb e esperançosamente quando a pandemia deixar de ser uma ameaça, queremos voltar às sessões de fotos o mais rápido possível. Sentimos muita falta da empolgação e do processo criativo por trás disso.

[Z] E na real esperança de convencer os artistas a nos visitarem na Croácia e também fotografar aqui. Temos belos lugares naturais, bem como muitos inspiradores “lugares perdidos”. Poderíamos imaginar fazer um vídeo artístico erótico um dia, sentindo-se bem experimental aqui, hehe... só temos que ver o que vem pelo caminho. Uma das coisas na lista é fazer um calendário, colaborar com diferentes artistas, tudo para mostrar a diversidade na arte e a beleza da nudez masculina.

Muito obrigado, pessoal! É um prazer acompanhar o trabalho de vocês!

[D] Obrigado por nos receber!

[Z] O prazer foi nosso!

8=D

 **D+Z**

 Auston L.

 Berlinlandscapes

 CERF

 Daniel Fdez. Cámara Endemic

 Guelmo Rosa

 John Jeffries

 Kajetan von Kazanowsky

 Magió

 Manel Ortega

 ManuKro

 Paul Muresan

 Ramón Tormes

 Steve-Ray Smith

 Tristor Blue

 Wild Boar Photography

Museus fálicos

por Filipe Chagas



O homem que coleciona falos!

Éra comum na Grécia Antiga que os templos recebessem muitas oferendas em objetos preciosos ou exóticos, que eram exibidos ao público em certas ocasiões mediante o pagamento de uma pequena taxa. O templo das musas, as entidades na mitologia grega capazes de inspirar a criação artística ou científica, era chamado de museu (*mouseion*) e, assim, fica bem claro de onde veio a ideia das instituições que hoje conhecemos. No entanto, antes de serem “instituições permanentes, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público e que adquirem, conservam, investigam, difundem e expõem os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”*, os museus foram somente um armário ou um quarto.

* Definição do International Council of Museums em 2001.

Chamados de “gabinete de curiosidades” ou “quarto das maravilhas”, esses espaços normalmente continham uma multiplicidade de objetos raros ou estranhos adquiridos durante as Grandes Navegações ao redor do mundo no período do Renascimento*. Não havia uma sistematização ou mesmo uma preocupação científica (era comum achar sangue de dragão, chifre de unicórnio, entre outros), além serem essencialmente privadas, inacessíveis à população em geral, porém, tiveram um papel importante na evolução da História e das Ciências Naturais.

* No Brasil, a primeira coleção foi formada por Maurício de Nassau e instalada em caráter semelhante aos gabinetes de curiosidade do Palácio de Friburgo, em Recife, por volta de 1640.

Gabinete de curiosidades, óleo sobre tela de Domenico Remps, 1690.



Ao longo dos séculos 16 e 17, inúmeras sociedades e instituições (como jardins botânicos e academias de ciências) foram fundadas para reunir coleções objetivando o estudo e, claro, a exibição. Em 1671, surge o primeiro museu universitário e, em 1683 na Inglaterra, surge o primeiro museu com fins educativos, organizado pela Universidade de Oxford. Contudo, foram os ideais iluministas do século 18 que favoreceram a formação de acervos sistemáticos e a atuação de instituições culturais com objetivos educativos e públicos, como o British Museum (1759) e o Louvre (1793).

Os museus chegaram à contemporaneidade tendo sua função constantemente questionada frente às novas tecnologias. Por isso, é possível encontrar definições mais poéticas para essas instituições, como a do Instituto Brasileiro de Museus:

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.

Houve também um compartimento dos grandes museus: ao invés de grandes instituições que continham coleções de tudo, espaços de médio e pequeno porte surgiram com temáticas específicas, sendo capazes de abordar os assuntos de forma mais profunda e especializada. Sexo, prostituição e até mesmo o falo ganhou um!

FALOLOGIA: O ESTUDO DO FALO!

Por mais incrível que possa parecer, sim, o falo tem uma área específica de estudo. Usualmente limitado às ciências da natureza, o falo vem sendo analisado pelas ciências humanas e pelos campos artísticos.



Em 1974, o historiador islandês Sigurður Hjartarson começou a ser provocado por seus amigos de trabalho por causa de uma história de infância, quando recebeu um pênis de touro ressecado (*pizzle*, imagem ao lado) para usar como chicote. Eles começaram a trazer pênis de baleia e Hjartarson percebeu que poderia ser interessante coletar espécimes de outras espécies de mamíferos. Em 1980, já tinha 13 espécimes (quatro de baleias e nove de mamíferos terrestres) e, em 1990, eram 34 espécimes. Em agosto de 1997, em Reykjavík, capital da Islândia, foi fundado o Museu Falológico, o primeiro e único museu no mundo com 62 espécimes fálcos.

Hoje o museu contém uma coleção de mais de duzentos pênis (e partes do pênis) pertencentes a quase todos os mamíferos terrestres e marinhos que podem ser encontrados no país, mais alguns folclóricos (tipo elfos e trolls) e de outros países. Além da seção biológica do museu, existe um acervo de cerca de 350 objetos artísticos e utensílios práticos relacionados ao tema. O maior pênis do museu é de uma baleia-cachalote que tem 1,70 metros de comprimento e pesa 75 kg, e o menor exemplar é o de um hamster com apenas 2 milímetros.



Sim, isso é um pênis que equivale à uma pessoa de 70 kg com 1,70 m, mas o museu garante que isso é só a pontinha: o pênis inteiro pode alcançar 5 m e pesar algo entre 350 kg e 450 kg, mas é bom saber que é um pênis de uma baleia que pesa 50 toneladas.

Em 2011, o museu adicionou ao seu acervo um pênis humano de um doador de 95 anos que faleceu, mas tinha doado o órgão em vida. Infelizmente, a preservação de seu pênis em formaldeído não deu tão certo: o “espécime” encolheu e ficou disforme. Foi anunciado em 2014, que Jonah Falcon – conhecido por ser o segundo maior pênis do mundo com seus impressionantes 23 cm flácido e 34 em ereção, que perde para os 45,5 cm do cubano Yosbany Montalván – tinha aceitado doar seu pênis pós-morte, sugerindo uma exibição ao lado da baleia para ser chamada de “Jonas e a baleia”, se referindo ao conto bíblico.

O curador do museu, Hjörtur Gísli Sigurðsson, filho do fundador, diz que “apesar do tabu em relação ao órgão humano, se você diz ‘pênis’, as pessoas são atraídas”. Então, é claro que o museu é visto de forma jocosa e divertida, mas o espaço acabou permitindo estudos sérios no campo da falologia de uma forma científica e organizada.

“A função do museu é educativa, não erótica”.

Hjörtur Gísli Sigurðsson

É interessante notar que mais de 60% dos visitantes são mulheres cis heterossexuais, contrapondo uma ideia pré-concebida de que o público gay seria o foco. Uma coisa é certa: os visitantes parecem mais felizes na saída do que na entrada e ainda passam pela lojinha para comprar um pacote de macarrão em formato fálico ou um agasalho de pênis tricotado à mão.*

Quem vamos?

* Apesar do sucesso do museu, certos métodos para a obtenção do acervo provocaram reações de alerta e repúdio por parte de entidades defensoras dos animais. Parte dos órgãos exibidos no museu, por exemplo, vieram de abatedouros (no caso dos bois e outros animais rurais) e de pescadores de baleia, obtidos, segundo o dono, antes da proibição da prática na Islândia, em 1986. Tal histórico mantém os defensores dos direitos dos animais atentos para situações de crueldade e comercialização que possam perpassar o acervo do museu ou mesmo serem incentivadas a partir da exposição. Outros pênis presentes na coleção foram doados por instituições científicas.



CERÂMICA ERÓTICA

Em Lima, no Peru, fica o Museo Arqueológico Rafael Larco Herrera, mais conhecido como Museo Larco, com infinitas peças pré-colombianas* do país. Entre essas peças chamam à atenção as de cerâmica erótica.

Mas a história do museu não começa por aí. Em 1923, Rafael Larco Herrera doou toda sua coleção arqueológica para o Museu do Prado, em Madri, restando apenas um único vaso-retrato mochica* de incrível qualidade artística que deixou para seu filho, Rafael Larco Hoyle. Encantado pela peça e provavelmente movido pela “genética colecionista”, Hoyle começou a comprar coleções de cerâmicas e, em 28 de julho de 1926, dia da independência peruana, abriu as portas do museu em uma *hacienda* ao norte do país.

Após a inauguração do museu, Hoyle continuou viajando pelo país adquirindo cerâmicas já com uma credibilidade museológica que lhe permitiu obter obras de valor inestimável. Entre 1933 e 1941, também investiu em escavações arqueológicas e produção acadêmico-científica, chegando a ser considerado um dos pais da arqueologia peruana ao organizar o primeiro ordenamento cronológico das culturas locais. Na década de 1950, decidiu levar o museu para a capital Lima e dar maior visibilidade ao acervo e aos conhecimentos adquiridos.

Entre seus estudos e escavações, Hoyle se impressionou com o número de representações sexuais na cerâmica pré-colombiana local. Em 1966, Hoyle escreveu o livro *Checán: Ensaio sobre Elementos Eróticos na Arte Peruana*, onde

* Pré-Colombiana não é “antes da Colômbia”: é antes da chegada de Colombo!

* A Cultura Moche ou Mochica floresceu no norte do Peru, próximo ao Rio Moche, entre os séculos 2 e 7. Apesar de não terem constituído uma unidade imperial, os mochicas foram considerados os maiores ceramistas do Antigo Peru.



Falos por todos os lados, até no teto: lustres feitos de couro de escroto de bovinos.



registrou que o erotismo presente remete ao desejo, à atração e à união de forças opostas, mas complementares, que permitem a constante regeneração da vida. Ou seja, a nudez ou a genitália não eram somente uma representação erótica: tinham relações ritualísticas e mitológicas. No livro, Hoyle propôs uma classificação para a cerâmica erótica:

Erotismo Naturalista: representações do sexo em si como oferta para fertilidade da terra ou da fecundação da mulher. Imagens com sexo anal, oral e masturbação poderiam estar ligados à uma conexão espiritual entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, já que o objetivo não é a fertilização, mas a emissão do sêmen, que seria oferecido à terra, onde vivem justamente os mortos.

Erotismo Religioso: representações de sexo entre deuses como força do poder criador, o momento gerador da vida universal, normalmente colocando o Divino com os atributos sexuais masculinos. Portanto, o homem é representado como emissor, fertilizante, projetando sua virilidade e seu poder.

Cerâmica Moralizante: algumas representações de esqueletos em cenas sexuais, ao invés de fazerem conexão com o mundo dos mortos, queriam trazer a convicção de que o comportamento lascivo consumia gradativamente o ser humano.

Cerâmica Humorística: representações de genitálias desproporcionais em cerâmicas como copos e garrafas que obrigariam a uma interação cômica.

Hoje, além de acervo físico visitável e totalmente digitalizado, o museu tem um espaço dedicado a essas peças que objetiva ser “uma oportunidade única e interessante de nos aproximarmos da sexualidade, livre de nossos próprios mitos e preconceitos”. Essa sexualidade, contudo, é a heteronormativa, apontando o tabu do sexo binário tradicional, mesmo com caveiras e animais participando dos atos. Ainda assim, vale a pena conhecer esse acervo.

Das cerâmicas com representações fálicas, destaque para as duas últimas: um trio de caveiras onde a do meio está sendo masturbada e um hermafrodita se tocando.



84



Copo escultural que representa um habitante do mundo dos mortos (*Uku Pacha*) se masturbando. A borda do copo possui orifícios para você não conseguir beber pela borda superior e, consequentemente, ter que beber pelo grande pênis do personagem.



PAÍSES BAIXOS

O *Venustempel* em Amsterdã se diz o primeiro e mais antigo museu do sexo do mundo, aberto em 1985 em um prédio do século 17. Com o lema “a coisa mais natural do mundo pode também ser a coisa mais histórica do mundo”, a coleção inicial se limitou a alguns objetos eróticos do século 19 expostos em algumas vitrines. Ninguém sabia se daria certo, mas o retorno foi tão entusiasmante que se decidiu pela ampliação do acervo com imagens eróticas, pinturas, objetos, gravações, fotos e até atrações (manequins e cenografias).

Esse crescimento exigiu reforma do espaço e, durante uma das primeiras renovações, dois objetos eróticos foram encontrados entre as fundações: um fragmento de um azulejo de Delft representando um jogador de cartas com uma ereção e uma pequena figura antiga de bronze de Hermes com pênis enorme (imagem ao lado), que descobriu-se ter sido trazida do Mediterrâneo por um comerciante holandês centenas de anos antes. Tomando isso como presságio, investiu-se na compra de dois imóveis atrás do museu que, ligados por escadarias, formaram um labirinto de salas e corredores com objetos de diferentes culturas e épocas, mais conhecido hoje por Sexmuseum.

E olha... é um labirinto mesmo! Mas o problema acaba sendo o excesso, tanto de peças quanto de pessoas. São cerca de 500.000 visitantes todos os anos, tornando-o um dos museus mais movimentados da capital neerlandesa. O material está exposto como os antigos gabinetes de curiosidades, muitas vezes entulhados e sem qualquer identificação ou explicação, como se o importante fosse mostrar a quantidade e não a relevância. As peças cenográficas podem ser divertidas e informativas, mas, em sua maioria, beiram o ridículo. A diversidade sexual é mínima, dando um foco enorme à heteronormatividade (me lembro de ter visto apenas uma parede à distância na subida da escada com material homoerótico).

Uma boa curadoria poderia reduzir o tom jocoso e tornar o lugar bem mais significativo. Devo me candidatar?

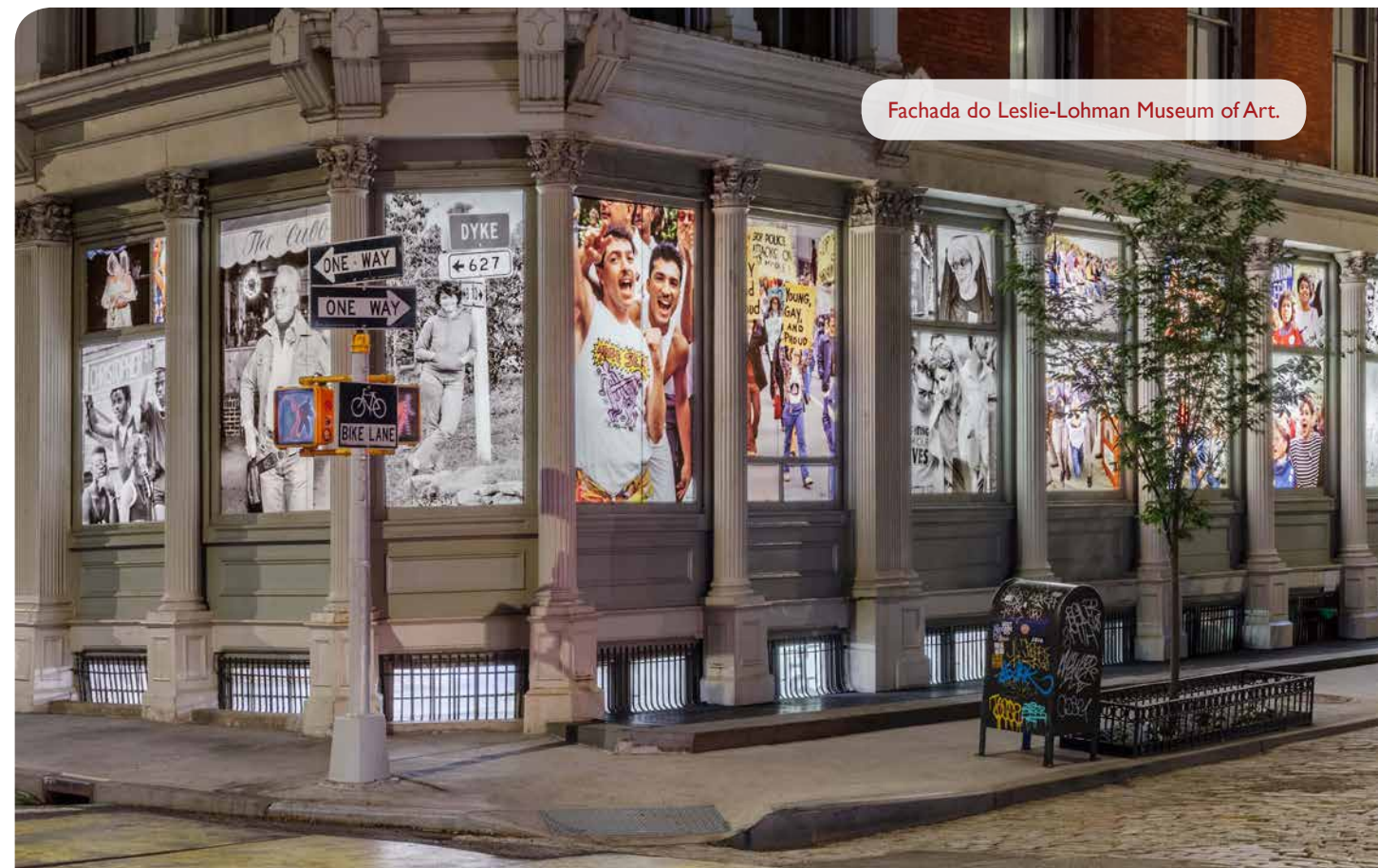


Aliás, o Erotic Museum também em Amsterdã segue a mesma linha curatorial de excessos sem informação, com um jeito de sex shop. Por ficar localizado no famoso *Red Light District*, onde inúmeras casas de prostituição funcionam 24 horas com permissão, acaba atraindo o público com a proposta de contar a história da “profissão mais antiga do mundo”. Apesar de ter esboços eróticos feitos por John Lennon no acervo (e uma versão erótica da animação “Branca de Neve e os Sete Anões”, ao lado foto do ambiente), se tiver que escolher, escolha o Sexmuseum.



VISIBILIDADE LGBT+

1969 foi um ano fundamental para a história LGBT+, especialmente pela revolta de Stonewall, em Nova York, que se estabeleceu como o primeiro grande movimento em favor dos direitos da comunidade homossexual. Foi também neste ano que Charles Leslie e Fritz Lohman realizaram uma exposição de artistas gays pela primeira vez em seu loft no SoHo. Ao longo da década de 1970, eles continuaram a coletar e exibir artistas gays, apoiando a comunidade artística local.

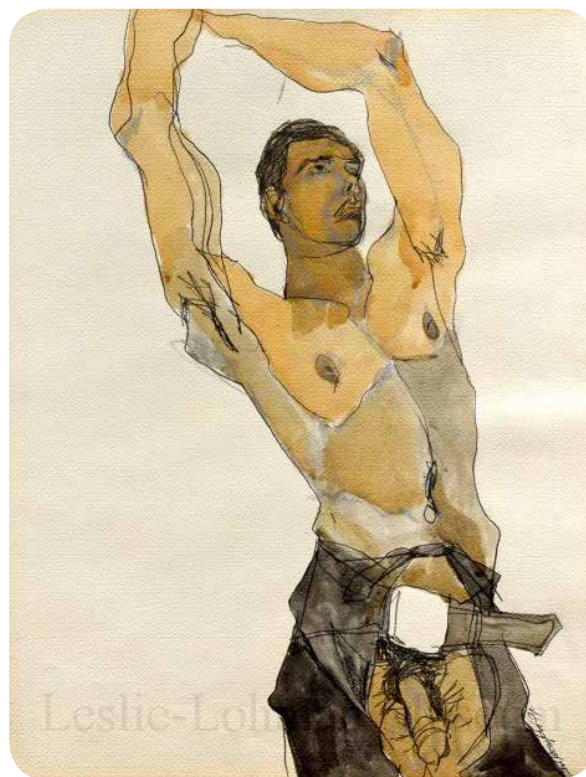


Fachada do Leslie-Lohman Museum of Art.



Serigrafia da série *Sex Parts*, de Andy Warhol, 1987.

88



Aquarela de Richard Rosenfeld, 1977.

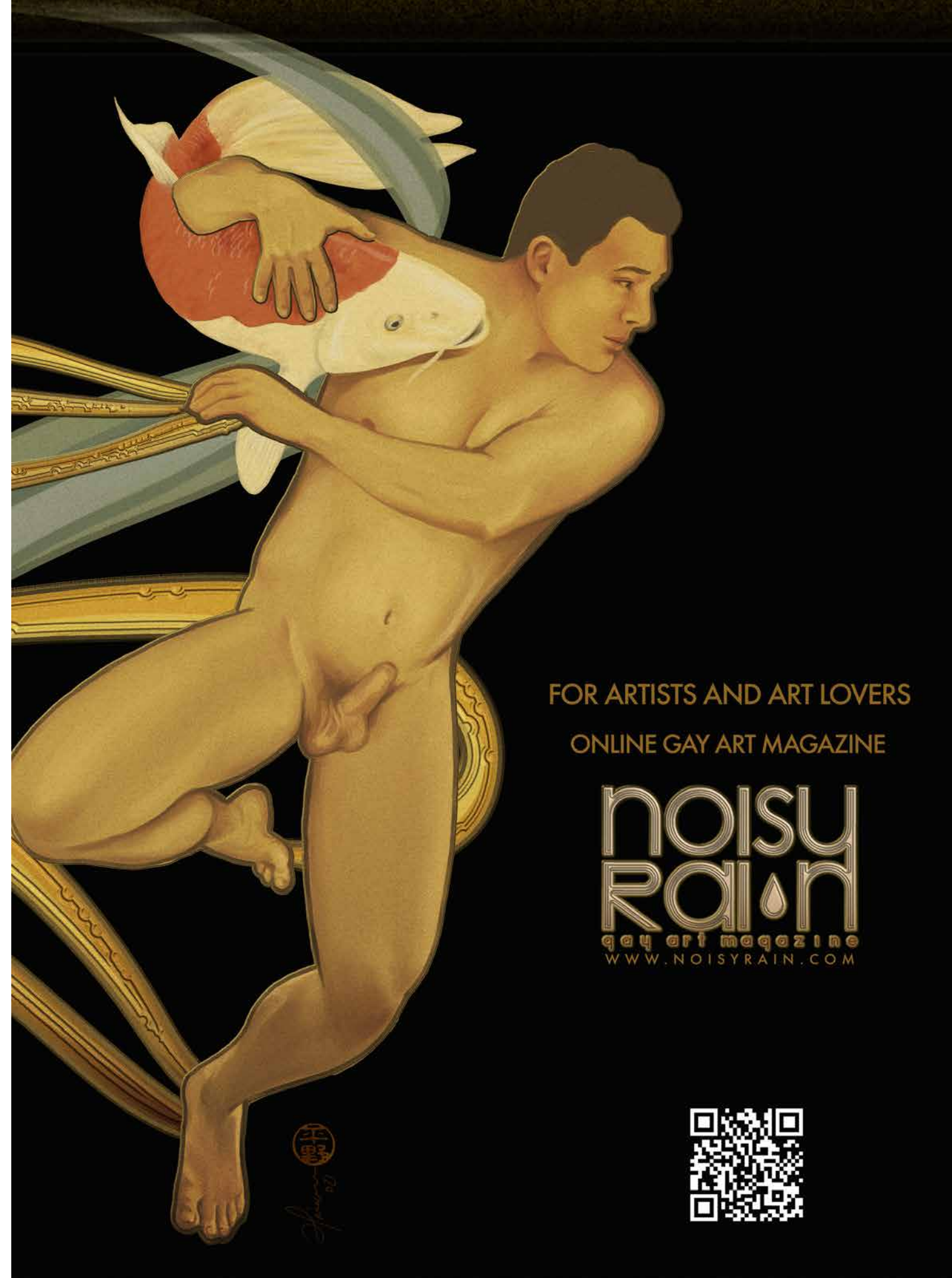


Serigrafia de Hans Kanter, 1987.

Durante a pandemia de AIDS dos anos 1980, a coleção continuou a crescer no resgate dos trabalhos de artistas moribundos das famílias que, por vergonha ou ignorância, queriam destruí-los. Isso levou à formação da Leslie-Lohman Gay Art Foundation em 1987, sendo credenciada como museu em 2016 em reconhecimento à sua importância na coleção e preservação da história LGBTQ+. Sem dúvida é a grande referência mundial e a única instituição dedicada à documentação da história LGBTQ+.

Em sua coleção de mais de 30.000 objetos de arte, é possível encontrar trabalhos de Andy Warhol, David Hockney, Robert Mapplethorpe, George Platt Lynes, Tom of Finland, além de artistas contemporâneos como Abel Azcona e Slava Mogutin. O museu hospeda seis grandes exposições anualmente, oferece vários programas públicos ao longo do ano, publica um boletim informativo de artes e mantém uma biblioteca de pesquisa, colocando-se como um farol de conhecimento e história.

Peguem seus passaportes! **8=D**



FOR ARTISTS AND ART LOVERS
ONLINE GAY ART MAGAZINE

noisy
rain
gay art magazine
WWW.NOISYRAIN.COM

Icelandic Phallogogic Museum Museo Larco Sexmuseum Leslie-Lohman Museum of Art

www

www

www

www



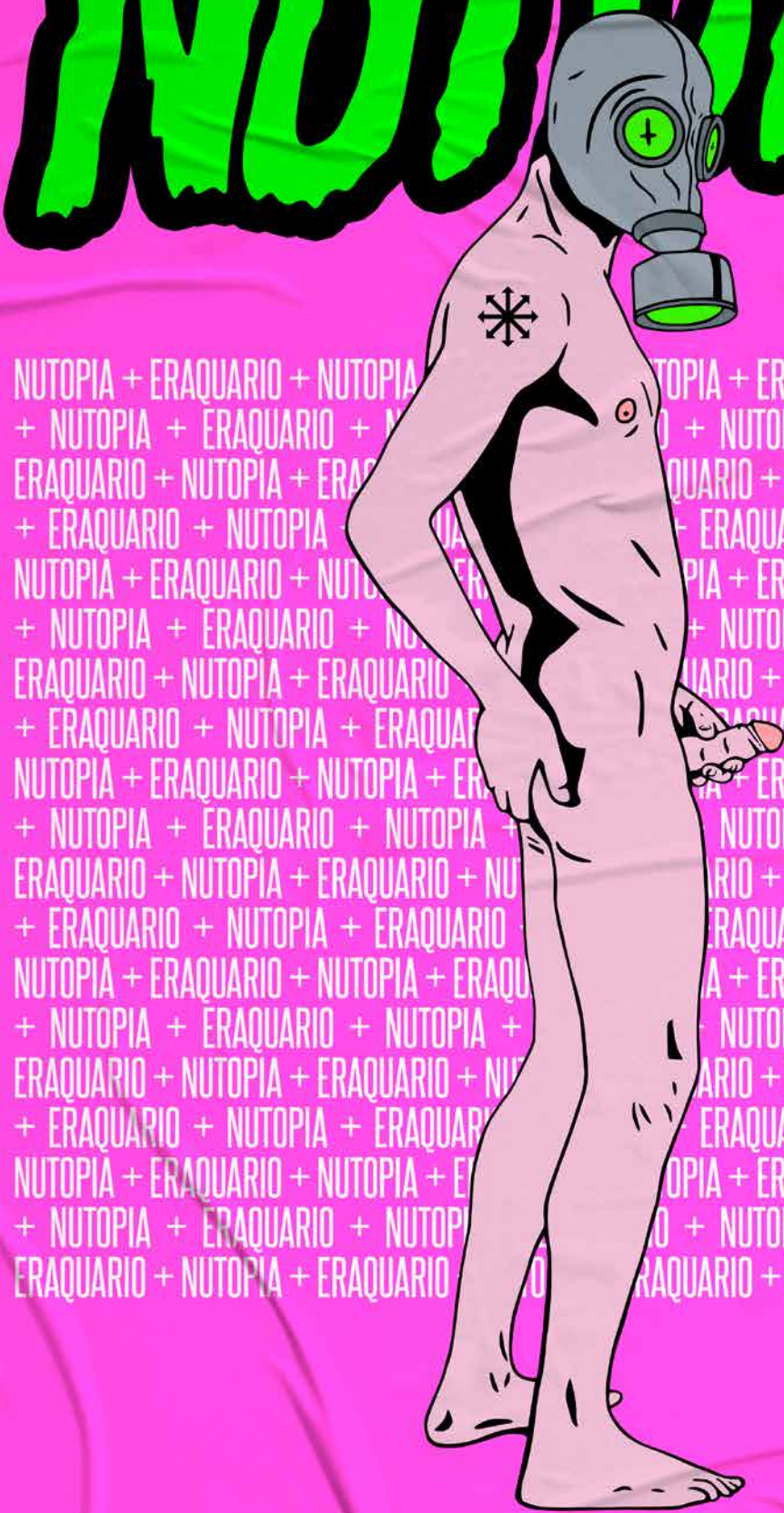
Eraquario em

NUTROPIA

+18



+18
\$30



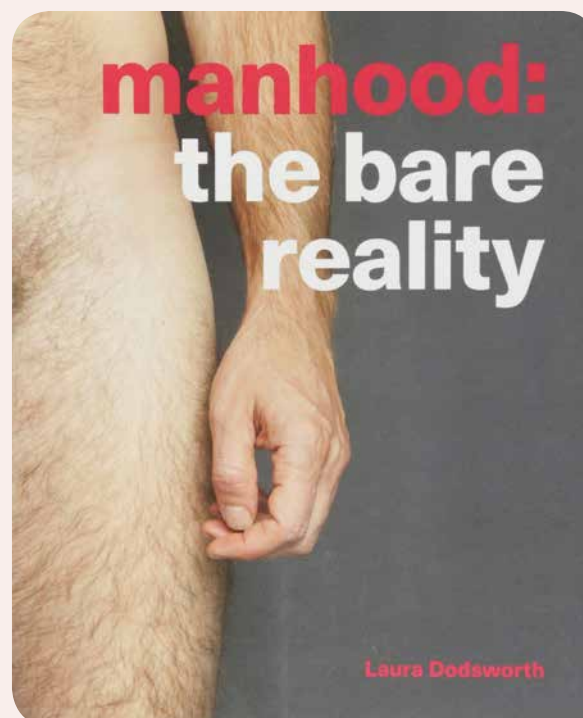
junho/2021
Nº 01



Manhood

The bare reality (2017)

O que é ser homem hoje? Acho que essa é a pergunta de 1 milhão de dólares sem resposta. Vivemos uma desconstrução intensa da masculinidade que existe desde tempos neolíticos, mas ainda se perpetua de forma agressiva em discursos misóginos, racistas e homofóbicos. O tradicional milenar não cabe mais e parece que a heteronormatividade ainda luta com todas as suas armas em uma guerra que, na verdade, é contra si mesma.



Capa da edição.

Digo isso porque a expressão “masculinidade tóxica”, por mais estereotipada e desgastada que ela seja, é totalmente real. Os discursos se voltam contra o próprio homem que se perde em seus sentimentos, dúvidas e medos. Um homem que não sabe dividir, não sabe compartilhar, não sabe amar, não sabe respeitar porque foi ensinado dessa forma não só pelos próprios pais e mães, mas por todo um sistema social que os protege e corrobora com suas ações abusivas.

É por isso que o livro **Manhood: The Bare Reality** (Masculinidade: A Realidade Nua) acaba sendo uma revelação. Se não bastasse conter o depoimento de cem homens de todas as idades (acima de 18 anos) sobre o que é masculinidade e nos deixar perplexos com a falta de estrutura emocional da maioria, a única imagem que tem de cada um dos entrevistados é... o pênis! Isso mesmo: de veterano militar a vigário, de viciado em pornografia a sobrevivente do câncer de próstata, homens de todas as esferas da vida* (inclusive um homem trans mostrando sua cinta) compartilham a imagem de seu pênis com reflexões honestas sobre seus corpos, sexualidade, relacionamentos, paternidade, trabalho e saúde. Expuseram seus corações e suas vulnerabilidade para nós.

*Vale dizer que o projeto foi feito na Inglaterra, portanto, o número de negros é bem reduzido, mesmo com a presença de alguns indianos/paquistaneses.

Para deixar a ideia do projeto ainda mais intrigante: o livro e a fotografia foram feitos por uma mulher (a fotógrafa Laura Dodsworth que já tinha feito esse projeto com seios femininos):

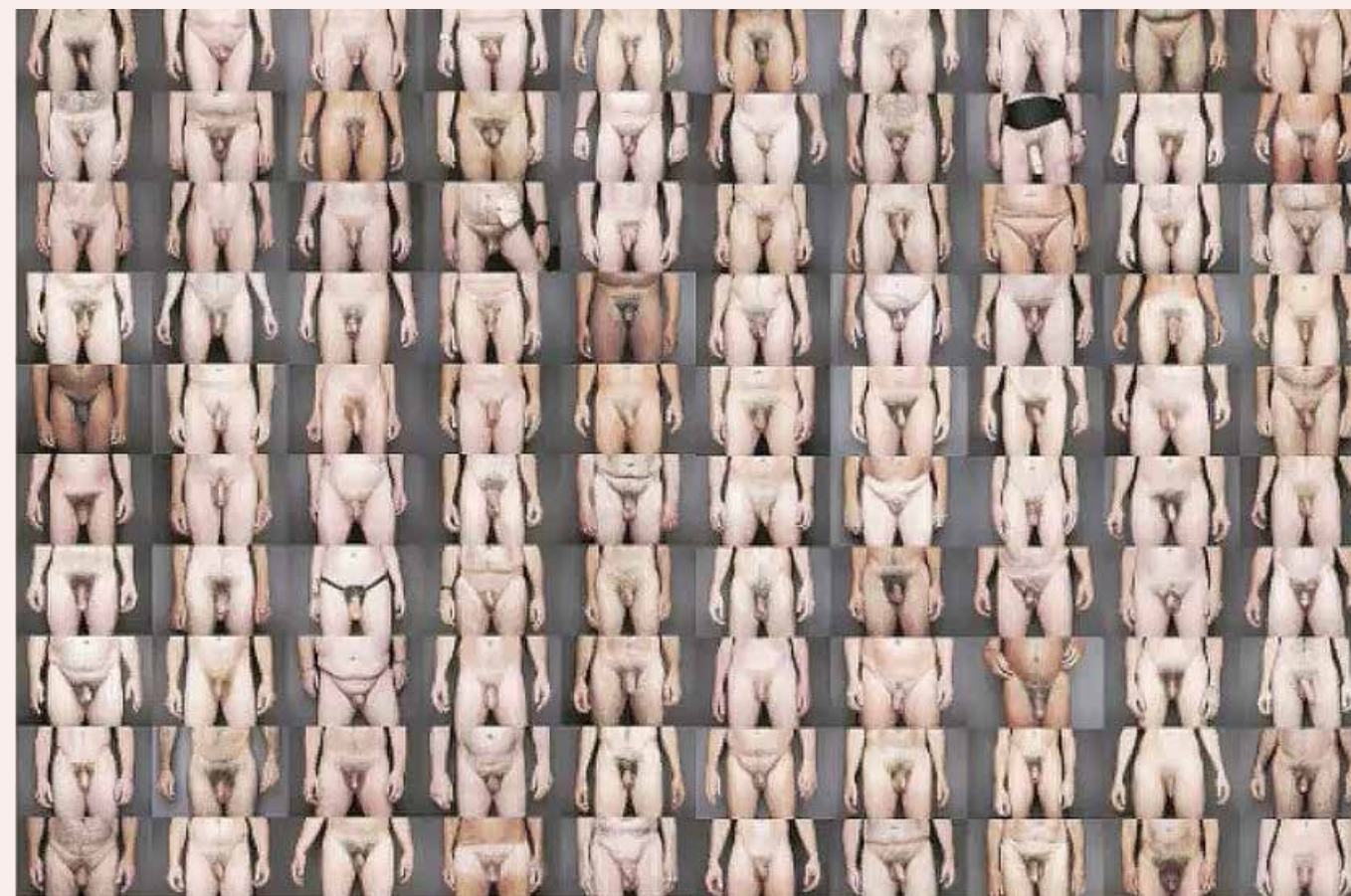
Era muito confortável fotografar mulheres, porque eu sabia o que aquilo significava para mim. Mas eu notei que precisava ouvir as histórias dos homens para poder entender a masculinidade.

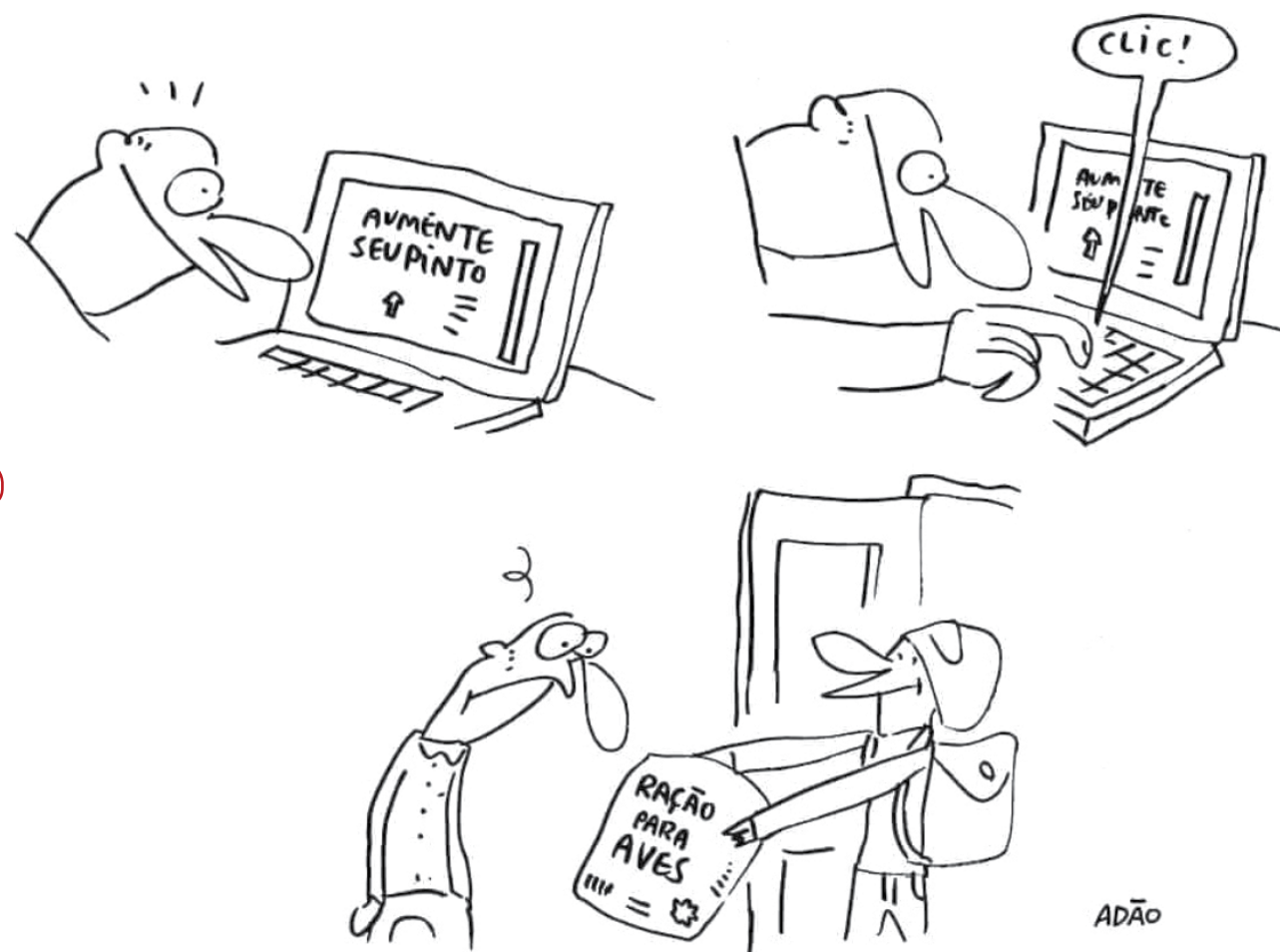
Só isso já nos causa um número sem fim de reflexões a cada página virada, contudo, cada texto nos leva a uma viagem introspectiva e coletiva, onde buscamos os nossos pontos em comum como indivíduos e como seres sociais. Mesmo naqueles muito diferente de nós encontramos convergências: o sentimento de pertencimento é constante e empoderador, como se os homens pudessem dizer “ufa, não estou sozinho nessa”.

O interessante é que, ao abrir cada depoimento com a imagem do pênis, criamos uma imagem da pessoa: velho, novo, branco, preto, grande, pequeno, gordo, magro. Isso é um pré-julgamento que fazemos naturalmente, porém, também nos oferece um teor de coragem (em alguns casos, um pouco de exibicionismo) que vai ganhando tons compassivos ao longo da leitura.

É fundamental que o mundo entenda que sim, homens também sofrem pressões sociais massacrantes, inclusive sobre seus corpos. Essa sensível publicação deveria ser leitura obrigatória.

Aproveito para agradecer ao Paulo Pinheiro pela indicação. **8=D**







Respeite o feminino que habita em todos nós

Até quando vamos ser ensinados a recusar parte de nós? Em que momento a divisão entre masculino e feminino vai deixar de valorizar apenas homens tóxicos, abusivos e violentos?

Todos somos masculinos e femininos. Mulheres e homens podem ser fortes e fracos. Enquanto homofóbicos rejeitam a homossexualidade em sua forma ampla, os efimenofóbicos rejeitam os traços e trejeitos femininos em homens homossexuais ou heterossexuais.

Para entender porque homens heterossexuais ou gays possuem tanto repúdio ao feminino – que também faz parte deles –, precisamos lembrar dos homens e mulheres que vieram antes. Pais e mães muitas vezes perpetuam o ódio com ensinamentos sociais machistas e misóginos advindos do patriarcado, como, por exemplo, o caminho de divisão que eleva o masculino e inferioriza o feminino que se inicia num “inocente” chá de bebê.

Tenho certeza que, se você se identifica como homem, esbarrou em alguma dessas coisas, se não todas elas: não poder usar um perfume adocicado porque logo é chamado de “fresco”; não gostar de rosa porque é “cor de menina”; se chorar, demonstrar sentimentos ou ser carinhoso não demora a receber o título “viadinho”; evitar dançar, gostar de arte, música, novelas ou qualquer coisa em que uma mulher seja referência de protagonismo. Homem só pode ser briguento, selvagem, bruto, ignorante.

Que infelicidade ser o homem que a sociedade quer que sejamos, não é?

Homossexuais sofrem opressão uma vida inteira. A simples presença desse homem com características que fogem à norma patriarcal imposta faz com que no colegial, por exemplo, outros homens e

mulheres o inferiorizem, o diminuam, o massacrem.

Ser chamado de “bicha” na infância ou adolescência traz uma tomada de decisão. O homem ou se torna forte o suficiente e assume esse feminino como parte de si ou pode ir pro extremo da masculinidade excessiva se tornando uma caricatura do homem tóxico heterossexual.

A influência da masculinidade excessiva transforma tudo que é feminino em inferior e desinteressante. Daqui surge o homem cis homossexual estereotipado que tenta a todo custo se parecer com o homem cis heterossexual padrão. A mentalidade é: quanto mais parecido com o ideal heterossexual, maior será a aceitação, não apenas na sociedade em geral, mas entre os próprios gays. Ou seja, odiamos a forma como o homem inferioriza a mulher, mas acabamos nos segregando ao excluir ou fazer piada com homens que possuem mais identificação com o feminino.

Precisamos lembrar que homossexuais por si só são obstáculos à heteronormatividade, já que no

imaginário social, simbolicamente, representam o feminino. Afeminados, então entendidos como homossexuais cujos comportamentos se aproximam ainda mais do feminino, fazem com que este ranço se torne ainda mais elevado.

Percebem como homofobia, machismo, misoginia e sexismo se entrelaçam para formar a efeminofobia? Percebem também que não tem como negar o feminino porque ele é parte essencial de todos nós?

Somos identidades múltiplas e fluidas em constante evolução. É importante sair da bolha de masculinidade e parar de usar termos e adjetivos que atacam e diminuem outros corpos, outras pessoas, outras existências. Homem de verdade é o homem que reconhece a existência feminina no outro e nele mesmo, que, mesmo oprimido em alguma fase da vida, respeita o outro sem recorrer a mesma opressão que sofreu. Não vale de nada estar num lugar superficialmente privilegiado se o homem gay esquece que esse lugar foi conquistado por outros homens que não tiveram medo de ser femininos, e não porque ele passa despercebido entre héteros. Respeito às diferenças tem que ser seguido à risca pra funcionar.

Respeite o feminino que habita em nós.

Masculino e Feminino

Música de Pepeu Gomes

Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino

Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi
Que ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino

Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi
Uh-uh-uh-uh

E vem de lá
O meu sentimento de ser (2x)
Meu coração
Mensageiro, vem me dizer (2x)

Salve, salve a alegria
A pureza e a fantasia (2x)

Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi
Uh-uh-uh

Que ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino

Vou assim, todo o tempo
Vivendo e aprendendo



moNumento

benfeitoria

SEJA MAIS SEJA UM COLABORADOR!

www.benfeitoria.com/falomagazine

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais**!

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

VIP DA FALO

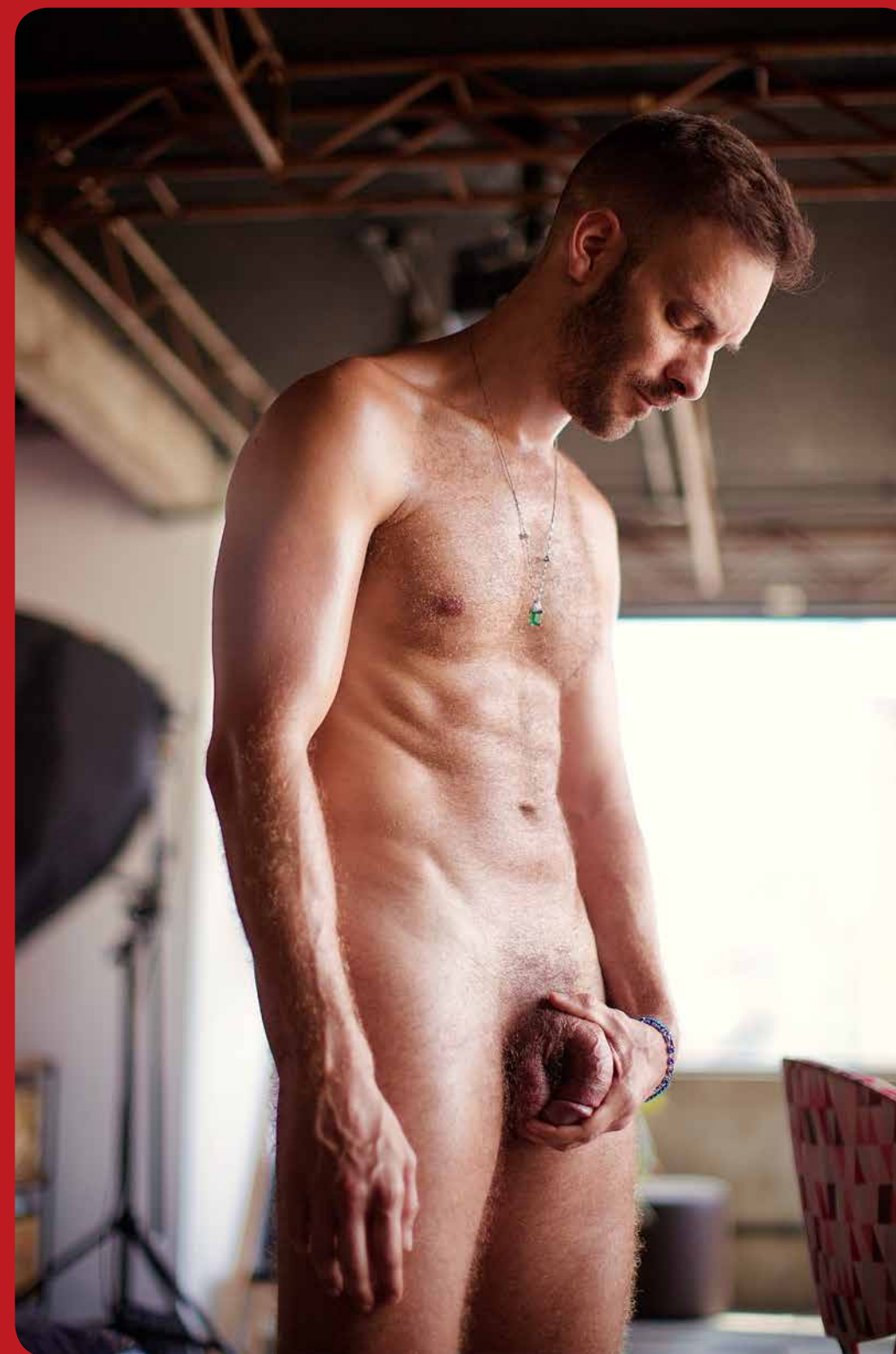
R\$20 / mês

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

**Obrigado a vocês
que acreditam na
revista e no poder
transformador da Arte!**

Alcemar Maia, Alexandre Teixeira,
Aldenor Gomes, DUOCU, Gabriel
França, Giovanni Ravasi, Heráclito
Vilaça, Júlio Lima, Marcelo Reider,
Orlando Amorim e anônimos!



www



Modelo: Steven B. Foto: Hugo Faz.





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

